

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

INÊS CARDOSO JACOB

**PROPOSTA DE CATALOGAÇÃO PARA A COLEÇÃO DE
FOTOGRAFIAS DA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR MOACIR
MONCLAR BRANDÃO**

GOIÂNIA
2012

INÊS CARDOSO JACOB

**PROPOSTA DE CATALOGAÇÃO PARA A COLEÇÃO DE
FOTOGRAFIAS DA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR MOACIR
MONCLAR BRANDÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Biblioteconomia da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Área de concentração: Catalogação

Orientadora: Prof^a. Dr.^a Maria de Fátima Garbelini

GOIÂNIA
2012

J1501 Jacob, Inês Cardoso.

Proposta de catalogação para a coleção de fotografia da Escola Municipal
Professor Moacir Monclar Brandão [manuscrito] / Inês Cardoso Jacob. – 2012.

76 f: il.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Faculdade de Comunicação e
Biblioteconomia, Universidade Federal de Goiás, 2012.

Orientadora: Prof. Dra. Maria de Fátima Garbelini.

1 Catalogação. 2. Fotografia.. 3 Imagem. I. Título.

CDD 77.03

INÊS CARDOSO JACOB

**PROPOSTA DE CATALOGAÇÃO PARA A COLEÇÃO DE
FOTOGRAFIAS DA ESCOLA MUNICIPAL MOACIR MONCLAR
BRANDÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Biblioteconomia da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, aprovado em _____ de _____ de _____, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof^ª. Dra. Maria de Fátima Garbelini - UFG

Presidente da Banca

Prof^ª Luciana Cândida da Silva - UFG

Membro examinador

Goiânia
2012

Dedico este trabalho a aos meus filhos Viviany, Thamara e Mayke, ao meu esposo que sempre me apoiaram e me incentivaram nesta jornada e a todos que me auxiliaram de alguma forma durante minha trajetória acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Deus por me dar forças e persistência tornando meu sonho realizado.

Agradeço ao minha orientadora, Prof^ª. Dra Maria de Fátima Garbelini, pelo apoio, incentivo, dedicação e contribuição neste trabalho.

À diretora da Escola Municipal Prof^º Moacir Monclar Brandão Cláudia Vieira Santana pela gentileza em ceder em empréstimo a coleção de fotografia para estudo.

As bibliotecárias Ana Márcia (CEDOC - Organizações Jaime Câmara) e Vitória Régia Costa Lima Pinto Bandeira, Débora Correa (MIS- GO) e Viviane Rocha da Biblioteca do Centro de Documentação Museu de Arte de São Paulo – (MASP –SP).

Às colegas de trabalho Elisângela Sousa e Maria da Conceição da Silva, pelo apoio e pela compreensão.

À Márcia pela companhia em tantas madrugadas que passamos em claro finalizando nossos trabalhos.

Às demais pessoas que direta ou indiretamente contribuíram na elaboração deste trabalho.

Fotografia

Leoni/ Leo Jaime

*Hoje o mar faz onda feito criança
No balanço calmo a gente descansa
Nessas horas dorme longe a lembrança
De ser feliz*

*Quando a tarde toma a gente nos braços
Sopra um vento que dissolve o cansaço
É o avesso do esforço que eu faço
Pra ser feliz*

*O que vai ficar na fotografia
São os laços invisíveis que havia*

*As cores, figuras, motivos
O sol passando sobre os amigos
Histórias, bebidas, sorrisos
E afeto em frente ao mar.*

*Quando as sombras vão ficando compridas
Enchendo a casa de silêncio e preguiça
Nessas horas é que Deus deixa pistas
Pra eu ser feliz*

*E quando o dia não passar de um retrato
Colorindo de saudade o meu quarto
Só aí vou ter certeza de fato
Que eu fui feliz*

*O que vai ficar na fotografia
São os laços invisíveis que havia*

*As cores, figuras, motivos
O sol passando sobre os amigos
Histórias, bebidas, sorrisos
E afeto em frente ao mar.*

RESUMO

O presente trabalho trata de uma proposta de catalogação da coleção de fotografias da Escola Municipal Professor Moacir Monclar Brandão de Goiânia – GO. Para tanto, foi realizada uma revisão de literatura e para isso se fez necessário recorrer a vários autores que tratam sobre o tema abordado para as temáticas: história da fotografia; catalogação; imagem; descrição da imagem; documento audiovisual; análise conceitual e temática de imagens fotográficas, tratamento técnico e conceitos de conservação, preservação e restauração. Para elaboração da ficha catalográfica adotou-se os critérios do Código de catalogação AACR2 (2002), que rege a normalização da catalogação a nível internacional no auxílio ao tratamento da informação em conjunto com os modelos de fichas catalográficas pesquisadas em instituições culturais (museu e centro de documentação), visitadas para verificação da metodologia utilizada na criação do modelo da ficha catalográfica de fotografias. A partir da ficha catalográfica objetiva-se que a mesma corresponda com as necessidades de recuperação. A pesquisa constitui-se em um estudo de caso e é classificada como aplicada e exploratória, com abordagem qualitativa.

Palavras-chave: AACR2. Catalogação. Ficha catalográfica. Fotografia. Imagem.

ABSTRACT

This present work is a proposal for cataloging the collection of photographs of the Escola Municipal Professor Moacir Monclar Brandão, in Goiânia - GO. Therefore we realized a literature review and it was necessary to resort to various authors who deal about the topic to the themes: history of photography, cataloging, image, description, image, audiovisual document; thematic and conceptual analysis of photographic images, treatment and technical concepts of conservation, preservation and restoration. For preparation of the card catalog was adopted the Code of AACR2 cataloging (2002), which rules the standardization of cataloging the international aid data processing in conjunction with models of catalog cards surveyed in cultural institutions (museums and center documentation), that we visited to verify the methodology used to create this model of the card catalog of photographs. Based on this catalog card, the aim is it corresponds to the needs of recovery. This work is a case study is classified as exploratory and applied with a qualitative approach.

Keywords: AACR2. Cataloging. Catalog card. Photography. Image.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Câmara escura. A da esquerda é uma ilustração da Renascença, e a segunda do séc.XVIII.	25
Figura 2 - Fotografia de 1826 foi considerada a primeira imagem fixa	26
Figura 3 – Fotografia que Daguerre considerou seu primeiro daguerreótipo bem-sucedido	27
Figura 4 - Laboratório móvel - Guerra da Criméia 1885	28
Figura 5 - Fotos avulsa	44
Figura 6 - Pasta catálogo	44
Figura 7 Fotos guardadas	47
Figura 8 - Manifestação contra a dengue	50
Figura 9 - Inauguração da Esc. Mun. Profº Moacir Monclar Brandão	52
Figura 10 - Coroação da Rainha da primavera 1996	54

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Quadro adaptado de Blery 1981. Categoria para indexação de fotografias	37
Quadro 2 - Roteiro para indexação de fotografia	37
Quadro 3 - Ficha catalográfica preenchida Manifestação contra a dengue	51
Quadro 4- Ficha preenchida Inauguração da Esc. Mun. Prof ^o	52
Quadro 5- Ficha preenchida Coroação da rainha da primavera/ 96	54

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AACR2	Código de Catalogação Anglo - Americano, 2º edição
CEDOC	Centro de Documentação
FUNARTE	Fundação Nacional de Artes
ISBD's	International Standard Bibliographic Descriptions
MASP	Museu da arte de São Paulo
MIS	Museu da Imagem e do Som
EAD	Educação à distância
CDD	Classificação Decimal de Dewey
CDU	Classificação Decimal Universal
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	OBJETIVO.....	18
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	19
3.1	IMAGEM.....	20
3.2	DESCRIÇÃO DA IMAGEM.....	21
3.3	ANÁLISE CONCEITUAL E TEMATIZAÇÃO DE IMAGENS FOTOGRAFICAS.....	22
3.4	DOCUMENTO AUDIOVISUAL.....	23
3.5	FOTOGRAFIA.....	24
3.5.1	História da fotografia.....	25
3.6	TRATAMENTO TÉCNICO DA FOTOGRAFIA.....	30
3.6.1	Catálogo.....	30
3.6.2	Catálogo de fotografia	32
3.6.3	Indexação.....	34
3.6.4	Indexação de imagem fotográfica.....	35
3.6.5	Classificação.....	38
3.6.6	Conservação, preservação e restauração.....	40
3.6.7	Acondicionamento e guarda.....	41
4	METODOLOGIA.....	42
4.1	DELIMITAÇÃO DA CAMPO DE PESQUISA.....	42
4.2	CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA.....	45
4.3	ETAPAS DA PESQUISA.	46
5	RESULTADOS.....	49

6	CONCLUSÃO.....	56
	REFERÊNCIAS.....	58
	GLOSSÁRIO.....	64
	APÊNDICE.....	66
	ANEXO.....	68

1 INTRODUÇÃO

A motivação para este estudo e pesquisa nasceu a princípio do meu fascínio pela fotografia em poder congelar momentos únicos, lugares, épocas, trazendo recordações do passado, sensações, lembranças de pessoas que amamos que estão distantes ou que não veremos mais e também com a descoberta de que é possível associar este encantamento com a capacidade que a fotografia tem em poder informar, denunciar, comprovar, registrar e também preservar a memória cultural.

Talvez a fotografia não tivesse nascido se primeiramente o homem não houvesse se valido da imagem como linguagem e meio de comunicar, informar e registrar. No entanto é relevante destacar que a imagem contribuiu e influenciou na transformação da sociedade, no âmbito cultural, econômico, social e político.

Tida como fonte de comunicação entre os povos, a imagem sempre esteve presente na história da humanidade permitindo a produção e disseminação do conhecimento, da cultura bem como dos costumes, rituais entre outros. A imagem vem sendo utilizada desde os primórdios quando o homem utilizava como suporte as paredes de cavernas e dos ossos de animais para se expressar. Com o passar do tempo surgiu diversos suportes e conseqüentemente o aperfeiçoamento das técnicas: desenhos, esculturas, pinturas e a fotografia.

No século XV com a invenção da imprensa, as pessoas puderam ter acesso à escrita e aos livros, desse modo houve a necessidade de se obter informação fazendo com que os meios de comunicação, os jornais a princípio, utilizassem a imagem para ilustrar matérias, ou seja, iniciou um novo processo de interação texto-imagem. A imagem tornou-se um importante método de informação e a fotografia, antes despercebida, passou a ampliar e possibilitar uma nova perspectiva.

De acordo com Rodrigues (2007, p.21), a invenção da fotografia, ocorrida no período da Revolução Industrial, admitiu uma expansão gradativa na produção e no uso de imagens, primeiro de forma seletiva e quase individual e, posteriormente, de maneira mais massificada, ilustrando jornais, revistas, mídias publicitárias, documentos técnico-científicos, etc.

Num segundo momento, deixou de serem apenas arte e memória individual, tornando-se informação e conhecimento e, nesse sentido, é produzida e divulgada pelas diversas mídias, principalmente como suporte às informações textuais.

Uma das características da imagem fotográfica é a sua natureza polissêmica, plurissignificativa, ou seja, ela assume um ou vários significados diferentes para cada

individuo que a interpreta, também possui um sentido denotativo, sendo sua representação é literal, é o que está registrado e o sentido conotativo quando se trata de uma representação subjetiva, de interpretação pessoal.

Nas últimas duas décadas, a fotografia deixou de ser apenas um recurso ilustrativo, para alcançar o reconhecimento de documento, encontrada em vários acervos documentais e bibliotecas, sendo assim importante fonte de informação e resgate de fatos históricos passados e atuais. (FILIPPI; LIMA; CARVALHO 2002) Para que seja possível a recuperação desses documentos fotográficos é necessário passar por processos de organização.

A popularidade das máquinas digitais e o surgimento dos mais variados suportes (celulares, mp4, *Ipad*, *tablet*), despertou a preocupação em organizar e preservar a imagem para que no futuro as pessoas possam acessá-las. Diante de tal realidade, procuramos investigar como se dá a organização e a preservação da coleção fotográfica da Escola Municipal Professor Moacir Monclar Brandão? Há nessa instituição um tratamento específico para essa coleção?

O presente trabalho pretendeu-se inicialmente realizar um estudo sobre a coleção fotográfica da Escola Municipal Professor Moacir Monclar Brandão com o foco sobre na catalogação, porém ao conhecer o acervo e sua organização identificamos que não havia tratamento técnico adequado. Diante de tal situação esse estudo sugere uma proposta de catalogação para a coleção fotográfica da Escola Municipal Professor Moacir Monclar Brandão

Para fundamentação teórica do trabalho realizamos uma revisão de literatura sobre o tema imagem, documento audiovisual, historia da fotografia no mundo e no Brasil, tratamento técnico da fotografia e conceitos de conservação, preservação e restauração. Foram identificados os principais conceitos e seus respectivos autores: Ana Carolina Simionato (2010) (1996); Johanna W. Smit (1989); Míriam P. Manini (2002); Jalver Bethônico (2006); Boris Kossoy (2000), Walkíria Toledo de Araújo (1992), Maria Luiza Loures Rocha Perota (1991), Ricardo Crisafulli Rodrigues (2007), entre outros.

O presente trabalho pretendeu realizar um estudo e uma proposta de catalogação da Escola Municipal Professor Moacir Monclar Brandão, para isto, procuramos conhecer o acervo e sua organização e identificamos que não havia tratamento técnico adequado.

Assim pretendemos com este trabalho aprofundar o estudo acerca do tratamento técnico da fotografia e como futuro profissional da informação, conhecer o tratamento de materiais não impressos, considerados multimeios e ainda poder colaborar com a Escola Municipal Professor Moacir Monclar Brandão.

Foi realizado um curso de preservação de fotografia no Museu da imagem e do som (MIS) e um curso EAD de Fundamentos da Indexação de fotografias e visitadas técnicas, em Goiânia, á algumas instituições que possuem acervo fotográfico.

2 OBJETIVO

- OBJETIVO GERAL

- ✓ Propor modelo de catalogação para a coleção de fotografias da Escola Municipal Moacir Brandão.

- OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Realizar uma breve revisão de literatura no que diz respeito aos processos de catalogação, tratamento técnico e preservação da documentação fotográfica.
- ✓ Verificar as atuais condições de acondicionamento dos documentos fotográficos da Escola Municipal Moacir Monclar Brandão.
- ✓ Elaborar ficha de catalogação que corresponda com as necessidades de recuperação.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A revisão de literatura se faz necessária para compreender a história da invenção da fotografia, a imagem, recurso audiovisual, tratamento técnico (catalogação em especial, classificação e indexação), conservação, preservação e restauração bem como dos processos de acondicionamento e guarda.

3.1 IMAGEM

De acordo com minidicionário Houaiss (2004, p. 399), “O termo imagem é uma representação visível de um ser ou objeto por meios artísticos ou técnicos”. Desde a pré-história, o homem primitivo já utilizava a imagem para relatar um fato acontecido, uma história, como meio de comunicação e mecanismo de transmissão de conhecimento, deixando nas paredes das cavernas, grutas e em pedras traços da figura de animais, fatos do cotidiano e a própria figura do homem.

Segundo Aumont (1996, p. 131, apud SIMIONATO 2010, p.12) “a imagem é universal, mas sempre particularizada”, ou seja, ela é o que é, o que muda é a percepção que cada indivíduo abstrai da imagem, uma imagem pode possuir diversos significados. De acordo com Smit (1989, p.102 apud MANINE 2002, p. 18) “a descrição de uma imagem nunca é completa”, uma imagem nunca será a mesma para duas pessoas, ou seja, cada uma mostrará um ponto de vista, um significado ou um detalhe diferente de outra pessoa.

Para Joly (1996) uma imagem pode indicar algo que não está visível, mas que pode tomar traços do visual e em conjunto com a produção do sujeito, pode adquirir formas diferentes tanto quanto imaginárias como concretas, ou seja, uma imagem pode tomar formas e/ou sentidos diferentes de acordo com o olhar de quem a ver:

Mais do que as palavras, as imagens produzem sentimentos, identificação, favorecem lembranças, disparam a imaginação, a introspecção, entendimentos, anunciam ou denunciam uma realidade, evocam memórias pessoais e visões de mundo. A imagem, apesar de estar presente na história da civilização humana – de constituir os vestígios mais antigos que temos conhecimento, portanto, universais, já que existiram em todas as sociedades – foi secundarizada ao longo da constituição da ciência, especialmente das ciências humanas e sociais, pois a busca da validade científica deu lugar de prova a documentos escritos. (cf. BOHNSACK *apud* WELLER; BASSALO, 2011, p. 285).

A imagem tem a capacidade de alcançar grupos sociais distintos com maior grandeza que a palavra não consegue atingir, reconhecer que a imagem tem uma influência democrática, visto que a escrita/leitura esbarra nas diferenças de idiomas.

3.2 DESCRIÇÃO DA IMAGEM

De acordo com Cunha; Cavalcanti (2008, p.119), “Descrição é a representação do aspecto exterior dos seres e das coisas, por meio da palavra escrita ou falada”.

Conforme o dicionário Houaiss (2001), descrever é: representar (alguém ou a si mesmo) por escrito ou oralmente, no seu todo ou em detalhes: Fazer um relato circunstanciado de; contar em detalhes; narrar; Riscar graficamente, desenhar e traçar uma linha de acordo com o movimento feito por um corpo que se desloca.

Descrever é representar verbalmente ou de forma escrita um objeto e indicar seus aspectos mais característicos, fazendo com que sobressaíam os pormenores que vão torná-lo individual e único e dando um lugar a esse objeto, no mundo das obras científicas (ALBUQUERQUE; MURGUIA 2010, p.28).

Descrever não significa apenas ressaltar o maior número possível de detalhes, mas sim destacar e ressaltar os traços mais específicos do objeto, pessoa ou fato observado e fazer com que este se torne único.

Segundo Smit (1987, p. 102), “a descrição de uma imagem nunca é completa”, pois quem trabalha com fotografias sempre enfrentará dificuldades em descrevê-la devido sua complexidade com a conotação, sua interpretação e herança cultural, que influenciam na descrição de um documento. O profissional comprometido com a função de tratar o documento fotográfico deverá ser determinado para que suas informações não sejam perdidas.

O bibliotecário acostumado a analisar documentos escritos tende, invariavelmente, a analisar fotografias através de termos abstratos preponderantemente, esquecendo que a imagem dificilmente significa, de forma unívoca, um termo abstrato. Se, em documentação escrita, a utilização de termos abstratos geralmente significa uma medida de economia geral (um termo abstrato “resume” vários concretos), a imagem nos leva a uma realidade diametralmente oposta: o termo abstrato limita o significado de uma imagem, fixando uma leitura em detrimento de inúmeras outras (SMIT, 1987, p. 106).

O código de catalogação que relata a descrição dos documentos fotográficos enfatiza a descrição física, mostrando o tipo de suporte, o procedimento técnico aplicado, estado físico do documento, por fim todas as características que formam o objeto em si.

3.3 ANÁLISE CONCEITUAL E TEMATIZAÇÃO DE IMAGENS FOTOGRÁFICAS

- ANÁLISE CONCEITUAL

Realizar uma análise conceitual de uma imagem envolve delimitar os sentidos denotativo e conotativo, conforme ao que se determina e para que finalidade se destine – histórico documental, ilustração ou composição de informação, aprofundando em mais ou menos detalhes informativos.

Ao ler uma imagem, é necessário observar que, além do aspecto objetivo, do domínio da técnica e do equipamento, existe um componente subjetivo que depende da vivência, da percepção e da sensibilidade do autor. Quando as pessoas se empenham em entender e dar sentido ao mundo, elas o fazem com emoção, com sentimento e com paixão. Portanto, não se busca mais na imagem fotográfica a coisa propriamente dita, mas a sua representação conceitual. Os valores culturais agregados ao sentido de ritmo e da relação entre formas e significados é o que vai reforçar a expressão do conteúdo de uma fotografia. (RODRIGUES, 2007, p.72)

A percepção dos elementos da linguagem fotográfica é obtida a partir de uma base técnica que possibilita uma ampla compreensão da habilidade narrativa e do conteúdo dramático em cada fotografia.

- TEMATIZAÇÃO

Define-se tematização como “a capacidade de criar discursos usando formatos predefinidos, que seriam delineadas através do conteúdo proposto ou recuperado pelo sistema” (SIMEÃO; RODRIGUES, 2007, p.67), ou seja, os sentidos conotativos de uma imagem precisam ser contextualizados primeiro por especialista que analisam e indexam as informações da imagem e depois pelos receptores quando elaboram suas pesquisas.

A forma de analisar uma imagem é escrita de maneiras diferentes por alguns autores, porém, há um senso comum que nomeia algumas características que podem intervir no significado de uma imagem, dessa forma, precisa ser identificados, baseado nesse senso comum propõem-se elementos para analisar e tematizar a imagem fotográfica.

- ✓ Descrição física (formato e tamanho da imagem fotográfica, tipo de suporte, autor, transformações ocorridas a partir do original etc.);

- ✓ Composição (objetiva e filtros utilizados, abertura e tempo de exposição, tipo de luz, nível de nitidez dos assuntos, ponto de vista do fotógrafo, profundidade de campo e hierarquia das figuras, enquadramento etc.);
- ✓ Contexto arquivístico da foto (relação da mesma com determinado fato ou documento);
- ✓ Conteúdo da foto ou assunto – sentido denotativo da foto (descrição do que a foto contém);
- ✓ Sentidos conotativos da foto (descrição dos sentidos conotativos concretos e abstratos que a foto pode conter);
- ✓ Tematização (enquadrar os sentidos conotativos nos temas que lhes forem adequados).

O sentido conotativo contextualizado permitirá a utilização do uso de uma fotografia em vários contextos, interpretações e usos. Pode-se considerar a análise e a tematização as atividades mais importante, uma vez que delas é que será possível assegurar ao usuário o acesso e a recuperação de acordo com sua necessidade.

3.4 DOCUMENTO AUDIOVISUAL

Nos dias atuais as bibliotecas e as unidades de informações não acomodam somente livros, existem uma variada quantidade de informações armazenadas em fitas de vídeo, DVDs, mapas e fotografias e esses são alguns dos chamados recursos audiovisuais ou multimeios.

A força da linguagem audiovisual está no fato de que consegue dizer muito mais do que captamos, chegar simultaneamente por muito mais caminhos do que conscientemente percebemos, e encontra dentro de nós uma repercussão em imagens básicas, centrais, simbólicas, arquetípicas, com as quais nos identificamos, ou que se relacionam conosco de alguma forma (GUTIERREZ, 1978 apud ARROIO, Aguinaldo; GIORDAN, Marcelo 2006, p. 9).

“Documento audiovisual: documento que reproduz imagens fixas ou móveis, bem como registros sonoros em qualquer suporte, e que exige equipamento apropriado para ser visualizado ou executado”. (CUNHA & CAVALCANTI, 2008, p. 133).

“O termo audiovisual é formado pelas palavras áudio e visual, teve sua origem do latim e sua conjugação "audio", "vi", "tum", significa escutar e "video", "vidi", "visum" tem o significado de ver. No entanto, a conjunção dos vocábulos "audio" e "visual" é de origem americana, quando começaram a desenvolver as técnicas de som e imagem. Isso sucedeu por volta dos anos 30, nos Estados Unidos. Na França o novo vocábulo foi incorporado anos mais tarde para atribuir ao uso simultâneo de imagens e sons”. (CEBRIAN HERREROS, 1983, apud, ARAUJO, 1992, p 35).

“Nos séculos XVII e XVIII a utilização dos audiovisuais era utilizada pelos Jesuítas, assim sendo estes educadores aplicavam, sistematicamente, os meios audiovisuais principalmente na educação através da estimulação oral e das representações cênicas. Entretanto, para muitos autores, o ano 1926 é a data que marca o nascimento dos meios audiovisuais” (TREFELL et al, 1986, apud, ARAUJO, 1992, p.36).

Estima-se que no Brasil a palavra audiovisual começou a ser empregada pela década de 50 e com o tempo foi acrescido com novos termos e formações, como: audiovisual, audiovisualidade, etc. Esta diversidade de vocábulos demonstra a riqueza gramatical e conceitual do vocábulo nos dias atuais.

“Vários termos têm sido aplicados para designar os meios audiovisuais: multimeios, recursos audiovisuais, materiais não impressos, materiais especiais, não gráficos, materiais não bibliográficos e mídias. Foi durante a Segunda guerra Mundial que os meios audiovisuais

passaram a ser utilizados com mais intensidade, era usado no treinamento das forças armadas norte-americanas depois da guerra, em razão do êxito obtido, a utilização de tais recursos foi adotada no sistema formal de ensino” (ESHELMAN, 1977, apud, ARAUJO, 1992, p.36).

Audiovisual ”diz-se da mensagem constituída da combinação de som e imagem”. (FERREIRA, 1996, p.199 apud, BETHÔNICO, 2006 p.60).

3.5 FOTOGRAFIA

Fotografia do grego photos “luz” e “grafos” gravação. É um processo técnico pelo qual se obtém o registro de uma imagem mediante a ação da luz sobre uma superfície revestida de uma camada de sais de prata que são sensíveis a luz:

Uma combinação de luzes, penumbras e sombras que, em frações de segundos, se transforma num elemento visível e interpretável. Protagonista de incontáveis feitos científicos, artísticos, religiosos, psicológicos e afetivos do homem, é utilizada para captar, emocionar, documental e plasticamente, a rotina de sociedades de origens e históricas diversas (LIMA E SILVA, 2007, p.7)

Segundo o dicionário Mini Aurélio (2001, p.357), “fotografia é o processo de registrar imagens mediante a ação da luz sobre filme”. A fotografia foi inventada no século XIX, durante a Revolução Industrial, fato esse que acelerou a produção e o uso de imagens, nos meios de comunicação jornais e revistas:

Com a revolução industrial, verifica-se um enorme desenvolvimento das ciências em seus vários campos; surge naquele processo de transformação econômica, social e cultural uma série de invenções que viriam influir decisivamente nos rumos da história moderna. A fotografia, uma das invenções que ocorre naquele contexto, teria um papel fundamental enquanto possibilidade inovadora de informação e conhecimento, instrumento de apoio à pesquisa nos diferentes campos da ciência e também como forma de expressão artística. (KOSSOY 1989, p.14 *apud* ANDRADE 2002 p. 36).

A imagem fotográfica está relacionada com o presente e o passado do homem, registro de lembranças de fatos diversos, bem como uma impressão, um simples olhar.

Aliada à tecnologia, vem permitindo aos fotógrafos registrarem o modo de viver (costumes, rituais, estímulos culturais e simbólicos), de pensar (filosofia), de sentir e de agir do homem, e de tudo o que está ao seu redor. Os fatos, a natureza em geral, e os personagens que servem como objeto de inspiração são captados pelo fotógrafo que expõe sua interpretação visual do mundo. (RODRIGUES, 2007 apud LIMA E SILVA, 2007, p. 7).

De acordo com Kossoy (2000, p. 44), “a imagem fotográfica possui natureza polissêmica”, ou seja, apresenta vários significados, sendo sentido denotativo representando literalmente o que se vê, no sentido conotativo (figurado) é o ponto de vista que o indivíduo contextualiza sobinterferência de meios sociais, culturais, econômico, político em que vive.

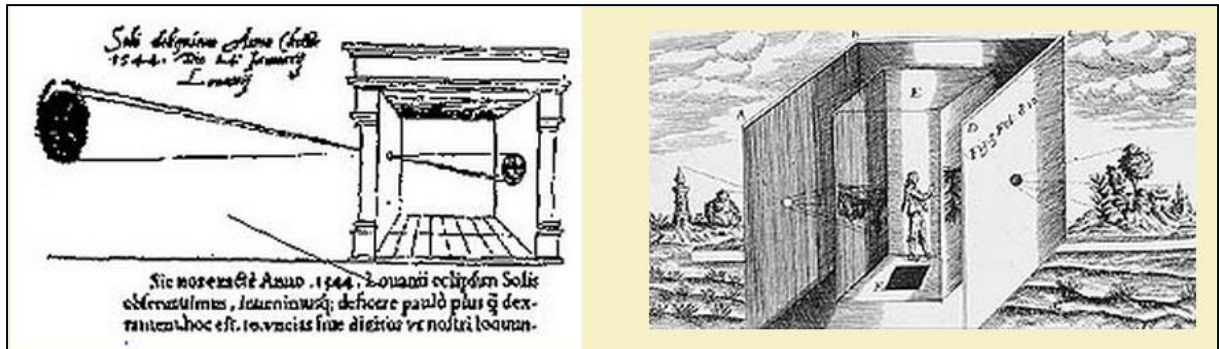
3.5.1 História da fotografia

Não é possível determinar quem ao certo inventou a fotografia, foram muitos nomes, em diversas épocas e diferentes lugares que fizeram parte dessa invenção. Faz-se relevante mencionar alguns fundamentos e estudiosos que através de muitos estudos e experiências descobriram novas técnicas, até chegar a fotografia em nossos dias:

È possível observar pelos registros históricos que mais ou menos ao mesmo tempo e em diferentes lugares, estudiosos trabalharam isoladamente concebendo soluções para juntar numa só máquina os conhecimentos de duas áreas do saber: a óptica e a química. Procuravam enfim, criar um mecanismo que reproduzisse a realidade e registrasse a sua imagem. (ZUANETTI, R. 2002, P. 158).

No ano de 1558, Giovanni Baptista Della Porta, cientista napolitano, publicou uma descrição detalhada da câmara escura e seu uso, apesar de não se saber a sua origem. A câmara escura era um quarto bem vedado, protegido da luz, com um orifício de um lado e uma parede branca à frente e quando um objeto exposto à frente do orifício, do lado de fora da câmara sua imagem era projetada invertida sobre a parede branca. Esse é o princípio do que viria ser conhecida de câmara fotográfica.

Figura 1- Câmara escura. A da esquerda é uma ilustração da Renascença, e a segunda, do séc. XVIII



Fonte: Felipe Salles 2012.

Ângelo Sala, físico-químico italiano, em 1604, observou que o nitrato de prata quando exposto à luz do sol ficava negro. Mais foi em 1725, que Johan Heindrich Schulze, professor

de medicina alemão descobriu que era a luz do sol e não o calor que modificava os cristais de prata em prata enegrecida. Obteve as primeiras imagens a partir desse método, mas ainda sem conseguir interromper o processo de enegrecimento.

Figura 2 - Fotografia de 1826, considerada a primeira imagem fixa.



Fonte: Felipe Salles 2012

A primeira fotografia como uma imagem fixa, que se conhece foi tirada em 1826 pelo litógrafo francês Nicephore Niepce, que a chamou de heliografia, ou seja, “escrita com luz solar”, tirada da janela do sótão da sua casa, após dez anos de estudos e experiências. Inicialmente suas experiências foram com betume da Judeia (verniz de asfalto), de secagem rápida quando exposto a luz, recoberta numa chapa metálica, em uma câmara escura que consiste de uma caixa preta vedada da entrada da luz com um furo em um dos lados, direcionado para algum objeto ou paisagem, a luz deste entra na caixa e a imagem era formada no lado oposto á do furo, o tempo de exposição era aproximadamente de oito horas e nas partes da placa que não era atingida pela luz, o betume era retirado com uma solução de essência de alfazema.

Niepce Nicephore conheceu Daguerre, em 1827, em Paris. a partir desse encontro resolveu firmar sociedade com Daguerre. Louis Jacques Mandé Daguerre, inglês, desenhista de cenários teatrais e pintor de paisagens, a sociedade entre os dois permanece por seis anos, até que Niepce morre em 1833, sem ver o seu invento ser reconhecido, Daguerre deu continuidade aos estudos de Niepce.

Em 1839 elaborando um processo químico na revelação da imagem, nasce o daguerreótipo, processo em que se usava a placa de cobre como suporte com uma fina camada

de prata, dentro de uma câmara escura, sem contato com a luz, formava-se a imagem bem definida, revelada com vapores de mercúrio, diminuindo de modo considerável o tempo de exposição, de 20 a 30 minutos.

Figura 3 - Fotografia que Daguerre considerou seu primeiro daguerreótipo bem-sucedido.



Fonte: Felipe Salles 2012

No ano de 1841, William Fox Talbot inventou o calótipo ou talbótipo, introduzindo o uso do papel salgado para confeccionar o negativo e então se copiava, por contato, a imagem positiva, ainda em papel salgado. Dessa forma esse processo possibilitava a cópia de quantas fotos fossem desejadas ao contrário do daguerreótipo.

A diferença fundamental entre daguerreotipia e a calotipia é que a primeira gera uma única imagem sobre placa de cobre revestida de prata polida, e a segunda produz um número ilimitado de cópias sobre papel. A calotipia obedece à natureza intrínseca da fotografia que é a reprodução. (ZUANETTI, R. et. al. 2004, p. 161).

Foi a partir da calotipia que a fotografia tornou-se um “veículo de comunicação”, Talbot permitiu que somente cientistas e alguns amadores utilizassem seu método de produção fotográfica.

No ano de 1848 o primo de Niepce, Claude Niepce, desenvolveu a albumina, processo mais popular do século XIX, processo desenvolvido a partir da clara do ovo, cloreto de sódio e nitrato de prata colocada sobre um papel muito fino, montado em suporte grosso para proteção, era um processo caro.

O inglês Frederick Scott Archer, inventor do processo de colódio úmido em 1848, a exposição devia ser realizada com o negativo ainda úmido, motivo pelo qual foi chamado de colódio úmido e logo após a tomada da fotografia devia-se fazer a revelação.

Foi a partir desse processo que possibilitou surgir a fotografia com enfoque jornalístico, documentando os acontecimentos mundiais que Roger Fenton fotógrafo inglês, registrou a guerra da Criméia, atual Ucrânia, em 1855, retratando os soldados nos acampamentos, longe do campo de batalha.

Figura 4 - Laboratório móvel - Guerra da Criméia.



Fonte: Felipe Salles 2012

Nos Estados Unidos, em 1888, George Eastman, bancário, entediado com o processo lento e dificultoso de preparação das chapas, trocou a transparência do vidro por uma base flexível, também transparente, de nitrocelulose, e estava criado o primeiro filme em rolo da história, chamando-o de *american film*, para utilizar esse filme em rolo ele construiu uma pequena câmara, que a chamou de “câmera KODAK”, fácil de se usar, quando acabava o rolo de filme, a pessoa mandava a câmara para o laboratório de Eastman, que devolvia as cópias positivas em papel, e a câmara com rolo novo de 100 poses, tornando a fotografia popular. Após o êxito da invenção, Eastman fundou a empresa Kodak em 1888, com a frase “Aperte o botão, nos faremos o resto”. A marca KODAK, tornou-se sinônimo de material fotográfico.

A invenção do Daguerreótipo chegou ao Brasil em janeiro de 1840, trazido pelo abade francês Louis Comte, que para demonstração produziu três imagens: o Largo do Paço, a Praça do Mercado e o Mosteiro de São Bento, no Rio de Janeiro. A novidade chegou aos

ouvidos de Dom Pedro II, então com quatorze anos que logo quis comprar um equipamento de Daguerreótipo, tornando-se o primeiro fotógrafo brasileiro.

A história da fotografia em terras brasileiras não começou com Compte, mas com o francês Antoine Hercule Romuald Florence, desenhista e tipógrafo que desenvolveu também as primeiras experiências fotográficas no Brasil, por volta de 1830 quando participou da expedição Lansdorff¹, percorrendo os estados de São Paulo, Mato Grosso e Grão Pará fazendo a documentação da viagem. Hércule Florence criou um método capaz de reproduzir imagens que chamou de poligrafia, que possibilitava imprimir diplomas maçônicos e rótulos de farmácia em papel fotossensível, sensibilizado por sais de prata, utilizando o princípio da câmara escura, o que chamou de “*photographie*”.

Florence foi um pioneiro da fotografia, destacando o fato de que ao invés do daguerreótipo, que apenas produzia positivos, o processo da “*photographie*” produzia negativos, tornando possível a reprodução.

Os processos e métodos citados não são os únicos existentes, tendo decorrido inclusive processos identificados em determinadas regiões. Muitos desses processos são raramente mencionados e muitas vezes ignorados pela maioria dos profissionais.

¹ (Expedição científica que percorreu o interior do Brasil de 1825 a 1829, chefiada pelo cônsul da Rússia no Brasil, o médico alemão Georg Heinrich Von Langsdorff.)

3.6 TRATAMENTO TÉCNICO DE FOTOGRAFIA

A fotografia por ter uma química um tanto complexa é um documento mais frágil do que a maioria dos documentos em papel, e para que a fotografia tenha uma vida útil, fato que deve ser levado em consideração se houver pretensão de preservar para o futuro é necessário que se faça o tratamento técnico para a organização de acervo fotográfico que é composto pelas etapas de aquisição e seleção, identificação, análise, registro, indexação, acondicionar e arquivar as imagens fotográficas para disponibiliza-la.

O material fotográfico deve ser conferido na aquisição e seleção havendo a necessidade de observar alguns pontos de extrema importância que devem ser levados em consideração: a necessidade dos usuários, o valor histórico, o estado do material, a clareza, a exatidão dos detalhes e por último o acondicionamento e guarda, verificando a necessidade de aumento da coleção.

Segundo o Manual da Funarte referente a arquivos fotográficos que propõe as seguintes normas na identificação do material fotográfico o número do registro deve ser colocado no verso, escrito levemente com lápis preto macio: para o registro de um protocolo de chegada do material, utilizando numeração sequencial para fotos e negativos, no caso da foto vir acompanhada pelo respectivo negativo, formarem um conjunto.

Se, por um lado, a fotografia foi e ainda é utilizada como janela para o passado, fornecendo, portanto, dados que os documentos textuais não registraram, por outro, a compreensão da fotografia como uma forma de representação abriu inúmeras possibilidades de análise de problemas históricos associados à construção da imagem. (FILIPPI, p. 11 2002).

Nas últimas duas décadas, a fotografia deixou de ser vista como um mero recurso ilustrativo da pesquisa, para ter o reconhecimento de documento. Visto que a fotografia é um material de suma importância na produção de conhecimentos relacionados á períodos históricos, sociais e culturais.

3.6.1 Catalogação

Segundo Mey (1995, p. 5), catalogação é o estudo, preparação e organização de mensagens codificadas, com base em termos existentes ou passíveis de inclusão em um ou vários acervos, de forma a permitir interseção entre as mensagens contidas nos itens e as

mensagens internas dos usuários. Conforme Cunha; Cavalcanti (2008), “catalogação é processo técnico para registro e descrição de itens tendo em vista a organização de catálogos”.

De acordo com Silva F. (2005, p. 53), “catalogar significa registrar todo o material de uma unidade de informação, possibilitando ao usuário pesquisar os registros de seu interesse, metodicamente organizado”.

Para catalogar um documento, seja qual for sua natureza, é recomendável utilizar o Código Anglo-Americano de Catalogação, conhecido por AACR2, que tem como meta a padronização mundial das descrições bibliográfica, ou seja, é necessária a descrição em detalhes dos objetos e sua identificação numa coleção, com o intuito de reunir em catálogos.

Na segunda revisão do Código de Catalogação Anglo-Americano – AACR2, o capítulo 8, é referente a materiais gráficos, quer sejam opaco (originais e reproduções de arte bidimensionais, desenhos técnicos, fotografias e quadros), quer destinado a ser projetados ou vistos (diafilmes, radiografias, diapositivos), como coleções desses materiais gráficos.

Conforme Mey (2009, p. 94) a catalogação se destaca em três etapas: descrição bibliográfica, pontos de acesso e dados de localização, estas se completam tornando possível que os recursos bibliográficos sejam individualizados para que não haja confusão e que possam ser reunidos por semelhanças para que determinem relações entre si, e por fim a localização do próprio recurso bibliográfico no acervo.

A descrição bibliográfica também denominada de representação descritiva é o processo da catalogação responsável pela caracterização do recurso bibliográfico. Compete à descrição bibliográfica extrair do recurso bibliográfico todas as informações que individualizam o recurso bibliográfico transformando-os exclusivo entre os outros.

Os pontos de acesso é um nome, termo, título ou expressão por onde o usuário pode acessar a representação de um recurso bibliográfico no catálogo. São responsáveis pela extração das características em comum de interesse para usuário.

Os dados de localização possibilita ao usuário localizar um item em um acervo, real ou virtual. Nos catálogos de uma única biblioteca os dados de localização se restringem ao número de chamada, e em catálogos coletivos abrangem a indicação da biblioteca ou endereço no ciberespaço onde o item possa ser encontrado.

Para construir uma boa catalogação é preciso que se tenha uma boa leitura técnica, saber identificar pontos que diferencie um documento de outro, tornando-os únicos entre outros. É necessário conhecer o Anglo American Cataloguing Rules (AACR2), que contem orientações específicas com pontos complexos, o AACR2, segue as normas de Descrição Bibliográfica Internacional (ISBD's). As bibliotecas seguem os padrões AACR2, para

catalogação dos títulos, as etapas a seguir são a entrada pelo autor, título da obra, etc. Após o preenchimento da ficha nos campos da catalogação, que primeiro são feitos em fichas para depois inserir no software.

3.6.2 Catalogação de fotografias

Para fazer uma boa catalogação o profissional bibliotecário precisa identificar os pontos que sintetizam o documento, deverá ter conhecimento do código AACR 2 (Anglo American Cataloguing Rules) que contém diretrizes e orientações acerca da descrição física.

A seguir apresentaremos um resumo do capítulo 8 da revisão do código de Catalogação Anglo-Americano - AACR2,

- **Ponto de acesso principal**

A entrada principal será pelo fotógrafo. Para documentos fotográficos que registrem obras de arte a entrada principal poderá ser pelo fotógrafo ou pelo autor da obra de arte original, se for considerado o autor principal. A entrada principal será pelo autor de maior interesse dos usuários, destinando a entrada secundária para o outro.

A reprodução dos originais fotográficos e cópias fotográficas a partir de negativos originais que possuem a entrada principal pelo autor da imagem original e uma secundária para o autor do item catalogado.

Fotografias em grupos quando não constarem o nome do fotógrafo tem entrada pelo título. Quando não mencionado dá-se um título provisório que corresponda ao grupo retratado. Dando uma entrada secundária para as personalidades de grande interesse retratadas no grupo.

Conforme o AACR2 um problema existente na descrição é formado pelos itens iconográficos em várias partes, quando devemos optar pelo material principal e considerar os demais como adicionais. No caso de não haver material predominante, o item é considerado um KIT (conjunto de peças) e neste caso segue-se as regras do capítulo 8 do AACR2.

- **Entrada pelo título**

A entrada será pelo título quando:

- a autoria pessoal for desconhecida ou indeterminada;

-o item for proveniente de uma entidade (estúdio, agência fotográfica, instituições, firmas comerciais, governos, projetos, programas, eventos, etc);

-se tratar de dossiê constituído de itens realizados sob a responsabilidade por mais de três autores;

-se tratar de álbuns e portfólios produzidos sob a responsabilidade de um editor ou impressor e/ou tenham sido realizados por mais de três autores.

- **Pontos de acesso secundários**

Pontos de acesso secundários são dados para pessoas e instituições de importância na elaboração do item. Pessoas retratadas individualmente ou em grupo serão consideradas assuntos de um item fotográfico, dever ser recuperadas através da indexação de acordo com as necessidades e o interesse da instituição catalogadora.

Fazer entrada secundária para o nome da coleção ou arquivo ao qual o item pertença, caso esta informação não se encontre recuperada de outra forma (código ou notação) e seja considerada relevante para os usuários do catálogo.

- **Fonte principal de informação**

È considerado o próprio item, incluindo etiquetas fixas ao item ou um invólucro ou contêiner que o integrem. Se o item descrito for constituído de várias partes físicas separadas, um conjunto de diapositivos, por exemplo, e no invólucro constar um título coletivo, ele serve como elemento unificador e como fonte principal de informação. No caso de não haver este elemento, um material constituído de texto, como um manual ou um folheto, pode ser considerado como fonte de informação.

- **Área do título**

O título deverá ser retirado de qualquer parte do item. Se o item não tiver título, o catalogador deverá fornecer um título que será indicado entre colchetes, indicado em nota que é título fornecido.

Ex; [*Formandos de Biblioteconomia*]

Investigamos outras fontes de catalogação e identificamos que o manual de Catalogação de Documentos Fotográficos: Versão preliminar do Programa Nacional Preservação e Pesquisa da fotografia – PROPRESERV da FUNARTE recomenda que se acrescente o local e data após o título principal.

No caso de original fotográfico o local e a data da imagem equivalem em geral ao local e a data da produção do item, não havendo necessidade de se registrar de novo estas mesmas informações em outro lugar.

Se este estiver abreviado ou incompleto na fonte principal de informação deverá acrescentar entre colchetes, o nome completo do local, bem como os dados incompletos das datas, também entre colchetes.

- **Área de Descrição física**

Registro do número de unidades físicas do item seguido da designação específica do material (usar a forma abreviada, quando for o caso, consultando Apêndice B, Abreviaturas, do AACR2).

Ex: 1 *álbum seriado*

26 *fot.*

Registro da altura e largura em centímetros, com aproximação das frações ao centímetro seguinte.

Ex: 1 *reprod. de arte: fotocópia, p&b; 30x25 cm.*

3.6.3 Indexação

De acordo com Cunha; Cavalcanti (2008), “indexação é a representação do conteúdo temático de um documento por meio dos elementos de uma linguagem documentária ou termos extraídos do próprio documento (palavras-chave, frases-chave)”.

“A Indexação é a tradução de um documento em termos documentários. Assim descreve um documento em descritores, cabeçalhos de assunto e palavra chave ou termo chave, com a finalidade de expressar o conteúdo do documento” SILVA F. (2005, p. 57).

De acordo com Carneiro (1985 apud FEITOSA 2006 p. 23) o principal propósito de um serviço de indexação é assegurar de forma mais eficiente e econômica possível, que qualquer documento ou informação seja fornecido ao usuário no momento preciso.

A indexação conforme Lancaster (2004, p. 9), consiste em duas etapas principais: a análise conceitual que é a identificação e representação do conteúdo intelectual de um documento, ou seja, é a avaliação do assunto do documento e a tradução que é a substituição do texto original por uma linguagem específica com a utilização de descritores, no caso da fotografia é a transposição do visual para a linguagem verbal.

A indexação de assuntos eficiente implica que se tome uma decisão não somente quanto ao que é tratado num documento, mas também por que ele se reveste de provável interesse para determinado grupo de usuários... O indexador deve formular várias perguntas sobre um documento. a) De que trata? b) Porque foi incorporado a nosso acervo? c) Quais de seus aspectos serão de interesse para nossos usuários? (LANCASTER, 2004, p.8-9)

Sendo assim a catalogação e a indexação se complementam quanto ao tratamento da representação dos documentos em catálogos de bibliotecas. A indexação é encarregada pela descrição do conteúdo, a catalogação é o processo técnico da representação descritiva do documento.

A descrição de imagem fotográfica identifica dois aspectos na bibliografia do audiovisual e da fotografia: a questão da informação lateral e a expressão fotográfica

3.6.4 Indexação de imagem fotográfica

Para realizar a indexação da imagem fotográfica, deve-se atentar para a importância da questão da informação sobre a imagem, porque a imagem mostra, mas por si só não tem significado, nem tão pouco informa, a não ser que o usuário atribua um significado ao que é visualizado na imagem.

Para o indexador possa atribuir sentido é preciso dispor de informações que possibilitem a ele dizer o que é visto. A informação que não está na imagem, é de grande importância para entendê-la, é o que determinamos de **informação lateral**, que pode vir acompanhado por legenda, um texto que a descreva ou pessoas que presenciaram o momento da criação da fotografia e que possam identificar o que a imagem quer mostrar. Mas quando essa informação está ausente, está impossibilitada a reutilização da imagem por não se saber o que ela verdadeiramente quer mostrar.

A **expressão fotográfica** é a imagem que mostra algo, de determinada maneira, uma particularidade que deve ser descrita e que não tem nada a ver com o conteúdo expresso na imagem, duas imagens sobre o mesmo objeto que podem ter uma recepção diferente por causa da técnica fotográfica, mas com as condições da reutilização da imagem pelo usuário, cita-se como, por exemplo, a vista aérea de uma praça, em termos de imagem, não é a mesma pelo ponto de vista de alguém que esta na mesma.

Estabelecida a importância da informação lateral e da expressão fotográfica que identifica o que a imagem mostra, como mostra e o que mostra é possível estabelecer as propostas de leitura de indexação de imagens.

Smit (1996) relatou em a representação da imagem, os três níveis para análise da imagem proposto pelo historiador da arte Erwin Panofsky (1979, p.47-87), que direciona o documentalista a que direção percorrer quanto aos assuntos registrados numa imagem:

- 1) **Nível pré–iconográfico** nele são descritos, genericamente, os objetos e ações representados pela imagem:
- 2) **Nível iconográfico** estabelece o assunto secundário ou convencional ilustrado pela imagem. Trata-se, em suma, da determinação do significado mítico, abstrato ou simbólico da imagem, sintetizado a partir de seus elementos componentes, detectados pela análise pré–iconográfica;
- 3) **Nível iconológico** propõe uma interpretação do significado intrínseco do conteúdo da imagem. A análise iconológica constrói-se a partir das anteriores, mas recebe fortes influências do conhecimento do analista sobre o ambiente cultural, artístico e social no qual a imagem foi gerada.

Nos anos 80, Ginette Bléry propõe uma “leitura”, da imagem com a finalidade de indexação, levando em conta sua especificidade e retornando as perguntas clássicas da análise documental de textos: Quem? Onde? Quando? Como/oque? Como no quadro:

Quadro 1 quadro adaptado de Blery 1981. Categoria para indexação de fotografias

QUEM	Objeto “enfocado”: seres vivos, artefatos, construções, acidentes naturais, etc.
ONDE	Localização da imagem no espaço: espaço geográfico (p.ex. São Paulo) ou espaço da imagem (p. ex.interior da danceteria).
QUANDO	Localização da imagem no tempo: tempo cronológico (p. ex.22 out. 2010) ou momento da imagem (p. ex. nome, verão).
COMO/O QUE	Descrição de atitudes ou detalhes relacionados ao abjeto “enfocado” quando este é um ser vivo (p.ex. cavalo galopando, criança com roupa do século XVIII). A identificação de enquadramento é muitas vezes é incluída aqui, p. ex. vista parcial de uma igreja ou close de o personagem X.

Fonte: roteiro para indexação de imagens proposto por Shatford.

Sara Shatford anos mais tarde retorna a questão a partir da proposta de Panofsky, introduzindo os aspectos genéricos (o que a imagem mostra) e específicos (o significado que pode ser atribuído à imagem, sendo que o indexador tenha acesso informação lateral).

Quadro 2 Roteiro para indexação de fotografias

Categoria	DE		SOBRE
	Genérico	Específico	
QUEM			
ONDE			
QUANDO			
COMO/OQUE			
	↑ Termos concretos	↑ Nomes próprios de lugares, eventos de pessoas,	↑ Termos abstratos

Fonte: roteiro para indexação de imagens proposto por Shatford.

Shatford distribuiu a indexação como observado acima, por dois aspectos: a imagem é do que, (genericamente e especificamente), e a imagem é sobre o quê. A informação “sobre o que”, deverá ser preenchida com mais cautela, do que nas lacunas “a imagem é de que”, pois poderá ocorrer o risco de leituras subjetivas, com ou sem nenhuma aderência relacionada à leitura.

3.6.5 Classificação

Classificar significa dividir elementos em grupos, reunir coisas, assuntos e seres de acordo com cada característica em comum ou incomum, analisando as diferenças e semelhanças entre os grupos. (PIEIDADE 1983, p. 16 *apud* EDUVIRGES, 2011, p.2).

A classificação, para Cunha e Cavalcante (2008), é um processo pelo qual as coisas são agrupadas de acordo com suas semelhanças e separadas conforme suas diferenças. Já Silva F. (2005) define a Classificação como uma reunião do acervo de acordo com os assuntos tratados, através de um sistema de classificação como o CDD Classificação Decimal de Dewey ou Dewey Decimal Classification.

A classificação é uma síntese simples mais ao mesmo tempo específica de um documento, para que haja uma recuperação de forma correta, possibilitando que todos os materiais que tratem do mesmo assunto estejam disponíveis no mesmo local. Quanto mais universal for a classificação mais chances será de ser compartilhada.

Criada pelo bibliotecário Melvin Dewey, a CDD mostra todos os conceitos e relações de todas as áreas do conhecimento, a notação é realizada por letras e números do modo que os números arábicos repetem uma sequencia decimal.

Dewey dividiu o documento em dez classes numeradas de 0 a 9, em que as classes principais são apresentadas em centenas e as subdivisões se dão decimalmente. A estrutura da CDD é dividida em 10 classes principais, que contem cada uma 100 subdivisões, as principais são:

- 000 Generalidades
- 100 Filosofia / Psicologia
- 200 Religião
- 300 Ciências Sociais
- 400 Linguística
- 500 Ciências Puras
- 600 Ciências Aplicadas (Tecnologia)
- 700 Artes
- 800 Literatura
- 900 História e Geografia

Pode-se constatar um índice e tabelas auxiliares como: Formas, Geográfica (lugares), Literaturas individuais, Línguas individuais, Raça, Línguas e Pessoas que auxiliam a relacionar mais ainda o assunto analisado.

O sistema de classificação CDU é um sistema de classificação que compreende o conhecimento humano em dez classes principais. As classes formam um conjunto de elementos que possuem características comuns. A classificação pode ser acompanhada por

extensões e suas subdivisões são acompanhadas por símbolos, de acordo com a tabela auxiliar.

No Brasil a CDU foi traduzida, editada e difundida no Brasil pelo Instituto Brasileiro de Informação Ciência e Tecnologia (IBICT), é um esquema de classificação de assuntos em língua portuguesa registrados em qualquer tipo de documento. É oriundo da Classificação Decimal de Dewey (CDD), agregando as mesmas categorias de divisão, sendo mais representativa e flexível na organização de acervos documentais, admitindo o livre acesso dos usuários ao acervo.

3.6.6 Conservação, preservação e restauração.

Os conceitos de preservação, conservação e restauração tendem comumente a serem confundidos, assim conforme Sá (2001, p.3 e 42, apud, SARMENTO 2003, p.2), pode-se confirmar os seguintes conceitos:

Preservação é como uma consciência mentalmente, política (individual ou coletiva e particular ou institucional) com o objetivo de proteger e salvaguardar o patrimônio. Resguardar o bem cultural, prevenindo possíveis malefícios e proporcionando a esta condições adequadas de “saúde”. É o controle ambiental, composto por técnicas preventivas que envolvam o manuseio, acondicionamento, transporte e exposição. Partindo da conscientização do homem.

A conservação é o conjunto de intervenções diretas, realizadas na própria estrutura física do bem cultural, com a finalidade de tratamento, impedindo, retardando ou inibindo a ação nefasta ocasionada pela ausência de uma preservação. É composta por tratamentos curativos, mecânicos e/ou químicos, tais como: higienização ou desinfestação de insetos ou microorganismo, seguidos ou não de pequenos reparos.

E a restauração é um tratamento bem mais complexo e profundo, constituído de intervenções mecânicas e químicas, estruturais e/ou estéticas, com a finalidade de revitalizar um bem cultural, resgatando seus valores históricos e artísticos. Respeitando-se, ao máximo, a integridade e as características históricas, estéticas e formais do bem cultural, deve ser feito por especialistas.

É o momento em que o documento já atingiu certo grau de elevação de deterioração e se faz necessário à restauração, tomando medidas que estabilizem ou revertam os danos já causados, sejam eles físicos e/ou químicos ou pelo uso prolongado. (Costa, 2003). A restauração necessita exige pessoal qualificado e uso de materiais especiais.

3.6.7 Acondicionamento e guarda

A função do acondicionamento e guarda do material fotográfico é de assegurar a integridade física do suporte e da imagem e a proteção dos documentos do contato manual direto, da abrasão e da contaminação.

É recomendável que todo material fotográfico seja acondicionado individualmente para evitar qualquer tipo de contaminação entre eles.

Assim, é o acondicionamento que assegura estabilização fator primordial na preservação do acervo. Ademais, o acondicionamento individual protege os documentos do contato manual direto, da abrasão e da contaminação oriunda dos cartões suporte, entre outros aspectos. SPINELLI (1997, p.67).

Considerando os fatores externos e internos de deterioração, é necessário que se tome certas providências quanto ao local de armazenamento e acondicionamento das e fotografias.

A implantação de um sistema de acondicionamento e guarda, é aconselhável para que seja preservada a integridade do material fotográfico.

O acondicionamento correto com material de qualidade contribui na proteção dos documentos, até quando armazenados em ambientes com mudanças climáticas assegura a redução dos danos causados pela falta do controle de luminosidade e da poluição.

4 METODOLOGIA

Na visão de Assis (2008, p. 24) “A metodologia é a explicação minuciosa, detalhada, rigorosa e exata de toda ação desenvolvida no método (caminho) do trabalho de pesquisa”.

Nesta etapa são explicitados as concepções e os procedimentos que serão adotados no desenvolvimento da pesquisa de tal modo que outra pessoa possa replicá-la. São expressos os elementos essenciais do delineamento (plano) da pesquisa, indicando de que maneira os conceitos e variáveis devem ser confrontados com os fatos empíricos para obtenção de resposta ao problema (GIL, 2007, p.93).

4.1 DELIMITAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

Como objeto de estudo foi escolhido a coleção de fotografias da Escola Municipal Professor Moacir Monclar Brandão

A Escola Municipal Professor Moacir Monclar Brandão

A Escola Municipal Professor Moacir Monclar Brandão inaugurada no dia 3 de agosto de 1981, situada à Rua C-115 nº 35 no Bairro Jardim América – Goiânia – Goiás possui esse nome, o qual foi escolhido pelo então vereador do bairro, Sebastião Macalé, em homenagem ao Professor Moacir Monclar Brandão, seu ex-professor, devido à consideração e ao trabalho desenvolvido pelo mesmo no magistério e suas contribuições para o desenvolvimento da educação em Goiânia.

Fundada no governo de Ary Valadão, sendo o prefeito da capital o Senhor Digníssimo Índio do Brasil Artiaga, e a secretaria de educação comandada pelo então professor José Maria França.

Construída numa área de 528,5 m², cuja área total de 1.838 m², com o objetivo de atender a população local da época. Maria de Lourdes Dourado foi à primeira diretora da escola, a qual administrou o estabelecimento de ensino com eficiência. Auxiliada pela secretária geral Maria Auxiliadora e demais funcionários administrativos, professores e pais.

Naquela época a escola contava com um número de 18 funcionários, sendo apenas dois professores com curso superior e em seus dois períodos de funcionamento atendia um

número de 240 alunos de 1ª a 4ª série do I Grau. A escola sempre atendeu e atende a comunidade do bairro Jardim América e bairros periféricos da capital.

A escola passou por reformas e uma ampliação significativa em suas dependências. Hoje conta com um número de 61 servidores entre professores e administrativos, destes 37 com curso superior. Possui um quadro de profissionais capacitados e comprometidos com uma proposta de ensino que visa favorecer uma consciência ambiental íntegra, bem como uma proposta de aprendizagem baseado nos conhecimentos científicos, nos valores humanos, contribuindo para com a cidadania de nossos alunos e suas famílias e formando cidadãos conscientes das suas responsabilidades sociais.

Para o estudo de proposta de Catalogação foi escolhido a Escola Municipal Professor Moacir Monclar Brandão. A coleção de fotografias é composta por 2.384 fotografias em preto/ branco e coloridas, não foi encontrado nenhum negativo, a coleção de fotografias da Escola Municipal Professor Moacir Monclar Brandão representa grande importância na elaboração de material de divulgação da instituição, das atividades pedagógicas e datas comemorativas, como produção cultural, assim faz-se necessário a realização de uma proposta de catalogação e de armazenamento das mesmas visando a preservação e recuperação do material.

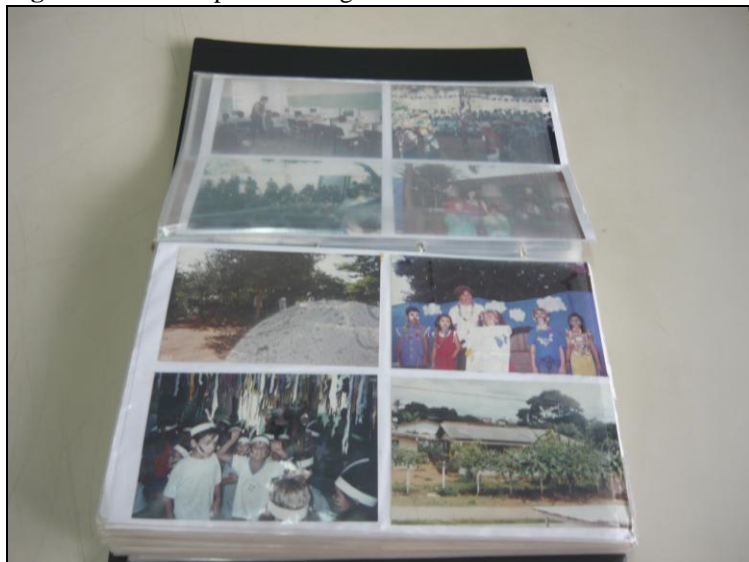
Algumas fotografias se encontram avulsas e as demais coladas em folha de papel A4, o procedimento não é recomendado por causar deteriorização ao documento fotográfico, dentro de pastas catálogo, sem numeração de registro e algumas possuem apenas o ano e o evento.

Figura 5 Fotos avulsas



Fonte própria

Figura 6 Fotos em pasta catálogo



Fonte própria

4.2 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

A metodologia de pesquisa teve uma abordagem exploratória. Segundo Gil (2002), a pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torna-lo mais explícito. As pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, do tipo aproximativo de determinado fato e, muitas vezes, esse tipo de pesquisa constitui a primeira etapa de uma investigação mais ampla, especialmente, quando o tema escolhido é bastante genérico. Ao mesmo tempo em que esta pesquisa é exploratória, ela também apresenta característica da descritiva, pois se limita a descrever, analisar e classificar fatos, sem que o pesquisador interfira neles (SANTAELLA, 2001).

Quanto aos objetivos possui características de cunho exploratório dessa maneira, a pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torna-lo mais explícito. As pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, do tipo aproximativo de determinado fato e, muitas vezes, esse tipo de pesquisa constitui a primeira etapa de uma investigação mais ampla, especialmente, quando o tema escolhido é bastante genérico (GIL, 2002, p.27).

Do ponto de vista da natureza, esta pesquisa é classificada como aplicada, pois se “caracteriza por seu interesse prático, isto é, que os resultados sejam aplicados ou utilizados, imediatamente, na solução de problemas que ocorrem na realidade.” (MARCONI E LAKATOS, 2006 p. 20).

Em relação à forma de abordagem do problema, apresenta uma abordagem qualitativa, que possibilita uma melhor avaliação da situação. Maanen, (1979, *apud* NEVES, 1996, p.1.), afirma que a pesquisa qualitativa é “um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados”.

Pode ser classificado também como pesquisa qualitativa uma vez que:

[...] se contrapõe ao esquema quantitativo de pesquisa (que divide a realidade em unidades passíveis de mensuração, estudando-as isoladamente), defendendo uma visão holística dos fenômenos, isto é, que leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas (ANDRÉ, 2003, p. 17).

Ao contrário dos estudos quantitativos que buscam seguir com exatidão um plano anteriormente estabelecido, fundamentados em hipóteses claramente indicadas e variáveis que

são objetos de definição e preocupa com representatividade numérica, a pesquisa qualitativa costuma ser direcionada no decorrer da pesquisa, e não busca enumerar ou medir eventos e normalmente não emprega instrumentos estatísticos para a análise dos dados, empenham-se com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização em seu ambiente e contexto social – interpretando-os segundo a perspectiva dos participantes da situação enfocada.

“Referente aos procedimentos técnicos, esta pesquisa constitui-se como um estudo de caso, pois o estudo de caso tem a finalidade de entender os fatos sociais através do estudo de casos isolados ou grupos” (PARRA FILHO e SANTOS, 2003, p. 93).

Martins (2000, p. 28) o compreende como: “estudos intensivos do passado, presente e de interação ambientais de uma (ou algumas) unidade social: indivíduo, grupo, instituição, comunidade. São validados pelo rigor do protocolo estabelecido”. O estudo de caso não é uma técnica específica, mas uma análise holística, a mais completa possível, que considera a unidade estudada como um todo. (GOLDENBERG, 2009, p. 33).

4.3 ETAPAS DA PESQUISA

Inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico para fundamentar a pesquisa, considerando artigos de periódicos, livros, teses, dicionários, enciclopédia, materiais disponibilizados em base de dados na internet sobre os temas fotografia e catalogação e tratamento técnico, o AACR2 e o Manual para catalogação de documentos fotográficos da FUNARTE foram feitas visitas aos sites da Biblioteca Nacional (RJ), Arquivo Nacional e troca de e-mail com o MASP Museu de Arte de São Paulo (SP), com o propósito de identificar qual metodologia de catalogação utilizada pela instituição.

Visitas técnicas às instituições culturais que possuem coleções fotográficas, o Centro de Documentação (CEDOC) da Organização Jaime Câmara e o Museu da Imagem e do Som - MIS, as quais demonstraram que a metodologia usualmente adotada pelas instituições é a do Código de Catalogação Anglo - Americano, 2ª edição (AACR2) e a proposta pela Fundação Nacional de Arte – Funarte.

Realizou-se um curso de preservação de fotografia com duração de 8 horas no Museu da Imagem e do Som (MIS) e um curso online de Fundamentos da Indexação de fotografias (20h), para auxiliar na construção deste trabalho.

A coleção de fotografias da Escola Municipal Professor Moacir Monclar Brandão se encontra em ambiente não apropriado para o acondicionamento e preservação, podendo acarretar desgaste e conseqüentemente a perda dos registros históricos da instituição.

Conforme fotografias abaixo:

Figura 7 fotos guardadas



Fonte própria

Figura 7 fotos guardadas



Fonte própria

Ficou evidente a necessidade de uma política de organização, surgiu preocupação com o futuro desses documentos e diante disso foi criado um modelo de ficha catalográfica para a coleção de fotografias, visando à organização, a preservação e a recuperação da mesma. Com base nas regras do AACR2 e com o auxílio das fichas das instituições do CEDOC- Organizações Jaime Câmara (GO) ANEXO A, Museu do som e da imagem (MIS-GO) ANEXO B, Fundação João Pinheiro Minas Gerais- (MG) ANEXO C Arquivo público do

estado de Santa Catarina (SC) ANEXO, PROFOTO (Projeto de Preservação do Acervo Fotográfico da Biblioteca Nacional-RJ) ANEXO E.

A partir desta pesquisa elaborou-se um modelo de ficha catalográfica, APÊNDICE A, específica para a coleção de fotografia da Escola Municipal Moacir Monclar Brandão. Nessa ficha constam os seguintes pontos de acesso principal: autor, entrada pelo título e o secundário.

No campo *autor por* não ter acesso à autoria, fica evidente que não será preenchido porém futuramente após a execução e a implantação dessa preposta preve-se que será possível ter um controle maior no que diz respeito a autoria. O título é o segundo campo utilizado, algumas fotografias deverão ser nomeadas, pois as mesmas não possuem um.

No campo *local* da foto deve conter como referencia a localidade do evento. No que diz respeito ao campo *data* deverá ter como base a data já contidas nas fotos e em alguns casos, que não contem a data da revelação da fotografia, deverá buscar informações com funcionários ou documentos da escola para identificação das mesmas e tentar estipular uma data estimada e no último caso identificar sem data.

O item *conservação* deverá analisar o grau de estado em que se encontra a fotografia e se existe algum dano a imagem.

A *legibilidade* é a qualidade que se encontra a fotografia, que poderá atender desde as opções ruim, regular, bom ate ótima.

Destacamos a descrição física para enfatizar as dimensões das fotografias, bem como as tonalidades de cores. A localização do item na coleção: devem conter o posicionamento das pastas no armário e para esta coleção foi criado um código que inicia pela letra “A” maiúscula e em seguida por três dígitos a começar pelo número “0”.

No campo *classificação* não foi possível preenchê-lo pelo fato de que a biblioteca da escola ainda não ter definido qual tipo de classificação será implantado, mas posteriormente será estudado e definido a classificação para as fotografias.

Procedência diz respeito à origem da fotografia se particular ou doação de outra instituição, no caso da coleção de fotografia da Escola Municipal Professor Moacir Monclar Brandão, a coleção é particular.

Os descritores são palavras-chave, que representam o documento. E nas observações deverão constar algumas informações acerca da fotografia que ainda não esteja nos campos anteriores.

É relevante ressaltar que nem sempre serão preenchidos todos os campos, em razão da falta de algumas informações que não veem acompanhando as fotografias.

5 RESULTADO

Através de estudos baseados no Código de catalogação AACR2, visitas técnicas à instituições que utiliza a catalogação de fotografias podemos elaborar uma proposta de uma ficha para a catalogação das fotografias da coleção da Escola Municipal Professor Moacir Monclar Brandão e sugerir uma recomendação quanto ao processo de armazenamento e guarda das coleções de fotografias e o rápido acesso as mesmas.

Para a coleção de fotografia da Escola Municipal Professor Moacir Monclar Brandão optou-se pelo sistema de acondicionamento vertical que consiste na utilização de pastas suspensas que poderá ser de plástico ou papel neutro de qualidade por terem o suporte lateral de plástico, e envelopes confeccionados à base de dobraduras, sem cola, em papel com PH neutro, que não retém umidade, não apresentam cor ou cola, se adaptam a qualquer tamanho e são de baixo custo, ou, pode-se optar por envelopes de plástico (poliéster, polietileno, triacetato de celulose), tipo os de utilizados para embalagem de alimentos congelados, deverá ser arquivado de 10 a 15 fotografias (cada uma em um envelope), em cada pasta.

As fotografias que estiverem coladas em papel A4, não deverão ser descoladas, para não haver danos. A fotografia antes de ser envelopada deve receber seu número de identificação (registro) no verso e canto superior esquerdo a lápis, da mesma maneira na frente do envelope de papel (no caso do uso de plástico, a transparência permitirá visualizar o registro no verso da foto).

O mobiliário a ser usado será armários de aço, para assegurar a proteção contra danos físicos, químicos e mecânicos, com gavetas deslizantes que deverá facilitar o acesso com segurança aos documentos armazenados. A temperatura ideal será de 21°C e umidade de 30 a 50%.

Apesar da existência de um grande número de serviços automatizados, decidimos por criar uma ficha de catalogação manual por dois propósitos: o primeiro seria pelo motivo que não termos a confirmação se seria possível destinar um recurso eletrônico para uso do usuário/ funcionário e o segundo porque seria de fácil entendimento por parte dos mesmos.

Logo abaixo estão algumas cópias de fotografias da coleção da escola e a ficha preenchida com os dados de identificação da mesma.

Figura 8 [Manifestação contra a dengue]²



Fonte: Esc. Mun. Profº Moacir Monclar Brandão

² Título fornecido pelo catalogador.

Quadro 3 Ficha catalográfica preenchida Manifestação contra a dengue

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DE DOCUMENTOS FOTOGRÁFICOS ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR MOACIR MONCLAR BRANDÃO		
Autor: __		
Título: [Manifestação contra a dengue]	Registro N° 002	
Local da foto: Goiânia - GO		
Data da foto: Junho 2005		
Estado de conservação		
Perfeita <input checked="" type="checkbox"/>	Escrita <input type="checkbox"/>	Com fungo <input type="checkbox"/>
Rasgada <input type="checkbox"/>	Manchada <input type="checkbox"/>	Amarelada <input type="checkbox"/>
Colada <input checked="" type="checkbox"/>		
Legibilidade		
Ótima <input checked="" type="checkbox"/>	Regular <input type="checkbox"/>	
Boa <input type="checkbox"/>	Ruim <input type="checkbox"/>	
Descrição física		
Largura: <u>15</u>	Colorida <input checked="" type="checkbox"/>	
Altura: <u>10</u>	Preto e branca <input type="checkbox"/>	
Localização do item na coleção: A – 002		
Classificação:		
Procedência: Escola Municipal Professor Moacir Monclar Brandão		
Descritores: Alunos. Dengue. Manifestação.		
Observações: Quatro fotografias coloridas, coladas em A4.		

Fonte própria

Figura 9 [Inauguração da Esc. Mun. Profº Moacir Monclar Brandão]³



Fonte: Esc. Mun. Profº Moacir Monclar Brandão

³ Título fornecido pelo catalogador.

Quadro 4 Ficha preenchida Inauguração da Esc. Mun. Profº Moacir Monclar Brandão

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DE DOCUMENTOS FOTOGRÁFICOS ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR MOACIR MONCLAR BRANDÃO		
Autor: _____		
Título: [Inauguração da Esc. Mun. Profº Moacir Monclar Brandão] ⁴	Registro N° 001	
Local da foto: Goiânia - GO		
Data da foto: 03 Agosto 1981		
Estado de conservação		
Perfeita <input checked="" type="checkbox"/>	Escrita <input type="checkbox"/>	Com fungo <input type="checkbox"/>
Rasgada <input type="checkbox"/>	Manchada <input type="checkbox"/>	Amarelada <input type="checkbox"/>
Colada <input type="checkbox"/>		
Legibilidade		
Ótima <input checked="" type="checkbox"/>	Regular <input type="checkbox"/>	
Boa <input type="checkbox"/>	Ruim <input type="checkbox"/>	
Descrição física		
Largura: <u>24</u>	Colorida <input type="checkbox"/>	
Altura: <u>18</u>	Preto e branco <input checked="" type="checkbox"/>	
Localização do item na coleção: A – 001		
Classificação:		
Procedência: Escola Municipal Professor Moacir Monclar Brandão		
Descritores: Inauguração,		
Observações: Estão presentes o prefeito da época Índios Artiaga do Brasil Lima, o vereador Sebastião Macalé, primeira diretora da escola Maria de Lourdes Dourado.		

Fonte própria

⁴ Título fornecido pelo catalogador.

Figura 10 Coroação da Rainha da primavera 1996



Fonte: Esc. Mun. Prof^o Moacir Monclar Brandão

Quadro 5 Ficha preenchida Coroação da rainha da primavera/ 96

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DE DOCUMENTOS FOTOGRÁFICOS ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR MOACIR MONCLAR BRANDÃO		
Autor: _____		
Título: Coroação da rainha da primavera/ 96	Registro N° 003	
Local da foto: Escola Municipal Professor Moacir Monclar Brandão		
Data da foto: 1996		
Estado de conservação		
Perfeita <input checked="" type="checkbox"/>	Escrita <input type="checkbox"/>	Com fungo <input type="checkbox"/>
Rasgada <input type="checkbox"/>	Manchada <input type="checkbox"/>	Amarelada <input type="checkbox"/>
Colada <input checked="" type="checkbox"/>		
Legibilidade		
Ótima <input type="checkbox"/>	Regular <input type="checkbox"/>	
Boa <input checked="" type="checkbox"/>	Ruim <input type="checkbox"/>	
Descrição física		
Largura: <u>15</u>	Colorida <input checked="" type="checkbox"/>	
Altura: <u>10</u>	Preto e branca <input type="checkbox"/>	
Localização do item na coleção: A-003		
Classificação:		
Procedência: Escola Municipal Professor Moacir Monclar Brandão		
Descritores: Coroação. Rainha da primavera.		
Observações: 1º fotografia: auxiliar de. secretária Dilma Taguatinga e diretora Lázara Moreira de Miranda; 2º fotografia: diretora Lázara Moreira de Miranda e as professoras Florismar Rodrigues Cerqueira e Lázara Maria Naves de Souza.		

Fonte própria

6 CONCLUSÃO

A fotografia por muito tempo foi vista como instrumento de ilustração, mas atualmente a fotografia também é considerada fonte de informação, um registro documental.

O presente trabalho atingiu o objetivo que era de conhecer os processos de tratamento, preservação e acondicionamento de acervos fotográficos, as condições de acomodação do material e a elaboração da ficha catalográfica que corresponda às necessidades da escola Municipal Professor Moacir Monclar Brandão.

Durante elaboração da pesquisa pode-se dizer que um dos os principais problemas encontrados foram a literatura escassa sobre material iconográfico, tanto na organização, preservação quanto no acondicionamento e guarda da mesma e principalmente no que se refere a catalogação. Diante de tal fator é importante destacar a necessidade e a importância de investir na produção de trabalhos científicos no campo da Ciência da Informação e biblioteconomia com foco no tratamento técnico, sobretudo na catalogação de fotografia.

Outro fator negativo é a falta de reconhecimento do valor do material fotográfico. Sabe-se que todo material iconográfico representa a memória da instituição e das pessoas que ali pertencem ou já pertenceram porem como foi possível observar, as mesmas estavam guardadas em um recinto pouco ventilado com produtos de limpeza e em pastas plástica sem nenhum critério de guarda e de preservação.

Como aspectos positivos pode-se afirmar que houve a conscientização por parte dos funcionários no que tange a importância e o valor destes documentos. Já que está em andamento a confecção de um mural com a utilização de fotos scaneadas para contar a história da fundação e o desenvolvimento da escola até nossos dias.

Como possíveis trabalhos futuros sugere-se a elaboração e a implantação de um projeto que de continuidade a essa pesquisa: armazenar a coleção fotográfica da Escola Municipal Professor Moacir Monclar Brandão em um sistema de banco de imagem e informação, visando melhorar as condições de conservação de documentos fotográficos originais, preservar e facilitar a sua recuperação.

Por fim, espera-se que tenha sido de grande valor a contribuir para com a Escola Municipal Professor Moacir Monclar Brandão no que diz respeito à preservação da memória da sua história.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABREU, Ana Lucia de. **Acondicionamento e guarda de acervos fotográficos** /. Ana Lucia de Abreu. - Rio de Janeiro: Fundação. Biblioteca Nacional, 1999. 187 p.
Disponível em:< www.bn.br/portal/arquivos/pdf/manual1.pdf>. Acesso em 23 nov. 2012.

A HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA. IFTPhoto/ Grupo de produção de conteúdos,LDA.
Disponível:<http://www.iftphoto.com/Formacao/A_Hist%C3%B3ria_da_fotografia.aspx>. Acessado em: 02 jun. 2012.

ALBUQUERQUE, Ana Cristina de; Murguia, Eduardo Ismael . Descrição de documentos fotográficos através da ISAD (G) e a AACR2. **Biblos: Revista do instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 24, n, p.25-41, jul/dez. 2010.

AMARAL, Luciana.**A importância do tratamento intelectual das fotografia visando à recuperação da imagem.**/Luciana Amaral.Orientadora:Profª.Dr. Johanna Wilhelmina Smit.– São Paulo, 2009. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-27112009-184950/pt-br.php>>. Acessado em: 28 jun.2012.

ANDRADE, Rosane. **Fotografia e antropologia: olhares fora – dentro/ – São Paulo: Estação Liberdade; EDUC, 2002.**

ANDRE, Marli Eliza Dalmazo A. de. **Etnografia da prática escolar.** Campinas : Papirus, 1995.

ARAÚJO, Walkíria Toledo de. USO DA INFORMAÇÃO AUDIOVISUAL EM BIBLIOTECAS: dados de pesquisas. **Inf. e Soc.**, João Pessoa, v.2, n.1, p.35-41, jan./dez.1992.Disponível em:< www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=13963 >. Acesso em: 14 mar. 2012.

ARROIO, Aguinaldo; GIORDAN, Marcelo. O vídeo educativo: Aspectos da organização do ensino. Educação em química e multimídia. In: **Química nova na escola.** n° 24, nov. 2006. p. 8-11.Disponível em:<<http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc24/eqm1.pdf>>. Acessado em: 18 jun. 2012.

ASSIS, Maria Cristina de. **Metodologia do trabalho científico.** Disponível em: < http://portal.virtual.ufpb.br/biblioteca-virtual/files/pub_1291081139.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2013.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS.BR- 10520: informação e documentação - citações em documentos - apresentação. Rio de Janeiro, 2002. 7 p.

_____. **NBR-6023:** informação e documentação - referências - elaboração. Rio de Janeiro, 2002. 24 p

_____. **NBR-6024:** informação e documentação - numeração progressiva das seções de documento escrito - apresentação. Rio de Janeiro, 2003. 2 p.

_____. **NBR-6027**: informação e documentação - sumário - apresentação. Rio de Janeiro, 2003. 2 p.

_____. **NBR-6028**: informação e documentação - resumo - apresentação. Rio de Janeiro, 2003. 3 p.

BELEM, Alexandre. **Fotografia, sobre imagens, fotojornalismo, história da fotografia e algumas ideias sobre a imagem fotográfica**. Revista Veja. {online}. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/sobre-imagens/classicos/eadward-muybridge/>>. Acessado em: 27 jul. 2012.

BELEM, Alexandre. **Fotografia, Sobre Imagens, Fotojornalismo, Roger Fenton e a Guerra da Crimeia**. Revista Veja. {online}. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/sobre-imagens/classicos/roger-fenton-e-a-guerra-da-crimeia/>>. Acessado em: 27 jul. 2012.

BETHÔNICO, Jalver. **SIGNOS AUDIOVISUAIS E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: uma avaliação. Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 11, n. esp., n. esp., 2º sem. 2006.p.60-61.

BRASIL ESCOLA. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/biografia/alhazen.htm>>. Acessado em: 04 jun.2012.

COSTA, Cristina. **Educação, imagem e mídias**. São paulo: Cortez, 2005. (Coleção aprender e ensinar com Textos, v. 12).

CUNHA, M.B.; CAVALCANTI, C.R.O. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília, DF : Briquet de Lemos, 2008. 451p.

DIAS, Eliane A. **Proposta de um plano de preservação e segurança documental do patrimônio documental do CIDARQ** [manuscrito] / Eliane Almeida Dias, – 2010.

Enciclopédia Barsa Universal. São Paulo: Ed. Barsa Planeta S.A, 2007.p. 2586. vol.8.

Enciclopédia Itaú Cultural Artes Visuais.

Disponível

em:<http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=3883>. Acesso em: 22 jun. 2012.

FEITOSA, A. **Organização da informação na web: das tags à web semântica**. Brasília, DF: Thesaurus, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurelio Seculo XXI Escolar: O Minidicionário da língua portuguesa** 4 ed.rev. ampliada.- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FILIPPI, P.de; LIMA.S.F. de.; CARVALHO, V.C. de. **Como tratar coleções de fotografias**.2. ed. São Paulo: Arquivo do Estado: Imprensa Oficial do Estado, 2002. Coleção: Como Fazer, 4.

FRANÇA, Júnia Lessa et al. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 5. ed. rev. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

FUNARTE-IBAC; et al. **Manual de catalogação de documentos fotográficos**: versão preliminar. Rio de Janeiro: Funarte-IBAC; Fundação Biblioteca Nacional; Museu Histórico Nacional; Museu Imperial de Petrópolis; CPDOC-FGV, 1993.

GALERIA FASS. Disponível em: < <http://www.fassbrasil.com/glossario/>>. Acesso em 16 nov. 2012.

GIL, A. Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2002.

Glossário de Biblioteconomia e Documentação Sociedade da informação – Brasil. GT – UM. BTCA.IDDL 0025 de Janeiro, 04/03/2002 – 13h Circulação interna. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/6667561/Glossario-de-Biblioteconomia>>. Acessado em: 10 jun. 2012.p.3.

Glossário Kodak. Produto de consumo.

Disponível em:

<http://wwwbr.kodak.com/BR/pt/consumer/fotografia_digital_classica/para_uma_boa_foto/curso_fotografia/fotografia_tradicional/glossario/glossario.shtml>. Acessado em: 10 jun. 2012.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: Como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 11. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2009. p.107.

HERCULE FLORENCE: um dos inventores "marginalizados" da fotografia. História da Fotografia - Hercule Florence. Jornal da Globo.17 jan 2007. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=BYPWsczIZjM>>. Acesso em: 15 maio 2012.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, ed. Objetiva, 2004. p. 399

JOLY, Martine. **Introdução á análise da imagem**. Tradução de Maria Appenzeller. Campinas, São Paulo: Papirus, 1996.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. Cotia, São Paulo: ed. Ateliê Editorial, 2007.

_____, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**, Cotia, São Paulo: ed. Ateliê Editorial, 2000).

KUBRUSLY, Claudio Araujo. **O que é fotografia**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. 109 p.

LIMA, Cláudia Albuquerque de; SILVA, Nerivanha Maria Bezerra da. **Representações em imagens equivalentes**. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt/pag/lima-claudia_imagens-equivalentes.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2012.

MANINI, Miriam P. **Análise documental de fotografias**: um referencial de leitura de imagens fotográficas para fins documentários. São Paulo. 2002. Tese (doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, USP. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-23032007-111516/pt-br.php>>. Acessado em: 10/03/2012.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**: Planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 6 ed. rev. amp. São Paulo: Atlas, 2006.

MARTINS, Cleuza Regina Costa. Manual de procedimentos para a organização de acervos fotográficos. **Revista ágora** n, 29, 1999.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Manual para elaboração de monografias e dissertações**.

MENDONÇA, Ercília Severina. A lingüística e a ciência da informação: estudos de uma interseção. **Ciência da Informação**, vol.29, n.3, Brasília, set/dez, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n3/a06v29n3.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2012.

MEY, E. S. A. **Introdução à catalogação**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1995. 123 p.

MEY, Eliane Serão Alves, SILVEIRA, Naira Christofolletti. **Catalogação no plural**. Brasília, Distrito Federal: Briquet de Lemos, 2009.

NEVES, José Luis. Pesquisa Qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, v. 1, n. 3. 2 sem. 2006. São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, Rogério Luiz Silva de; FARIAS, Edson Silva de. Fotografia: Imagens poesia como lugar de memória. **V ENECULT** - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura - Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador - BahiaBrasil, 27 a 29 de maio de 2009.

PARRA FILHO, Domingos; SANTOS, João Almeida. **Metodologia científica**. 2 ed. São Paulo: Futura, 1999. 277 p.

PEROTA, Maria Luiza Loures Rocha (Org.). **Multimeios**: seleção, aquisição, processamento, armazenagem, empréstimo. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1991. 177p.

RIBEIRO, A. M. C. M. **Catalogação de recursos bibliográficos pelo AACR2R 2002**. 2.ed. ver. acrescida de índice. Brasília: Ed. do Autor, 2004. 1v. (várias paginações).

RODRIGUES, R.C. Análise e tematização da imagem fotográfica, 2007. In *Ciência da Informação*. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 36, n. 3, p. 67-76, set./dez. 2007.

SALLES, Felipe. **Breve historia da fotografia**. Mnemocine memória e imagem. 22 set. 2008. Disponível em: <http://www.mnemocine.art.br/index.php?option=com_content&view=article&id=108:histfoto&catid=46:fotohistoria&Itemid=68>. Acessado em: 02 maio 2012.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa**: projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker, 2001.

SARMENTO, Adriana Godoy da Silveira. Preservar para não restaurar. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE PROPRIEDADE INTELECTUAL, INFORMAÇÃO E ÉTICA, 2. 2003, Florianópolis. **Anais eletrônico**. Florianópolis: Associação Catarinense de Bibliotecários, 2003. Disponível: <<http://pt.scribd.com/doc/62014178/preservacao>>.

SILVA, Armando Jorge. **Política de catalogação para as Bibliotecas da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas**.

Disponível

em:<<http://rcbp.dglb.pt/pt/ServProf/Documentacao/Documents/PoliticaCatalogacaoDGLBfev2009.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

SILVA, Edna Lúcia. MENEZES, Eстера Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. – 3. ed. rev. atual.– Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC,2001.121p.

SILVA, Fabiano Couto Corrêa da. **Bibliotecários especialistas**: guia de especialidade e recursos de informacionais. Brasília: Thesaurus, 2005. P.264.

SILVA, F.C.da; SALES, R. (orgs.). **Cenários da organização do conhecimento**: Linguagens documentárias em cena. Brasília: Thesaurus, 2011, p.296.

SILVA, Marcelo João Alves da; ALVES Maria da Conceição Amaral; COSTA, Ivoneide de França. **Imagem – uma abordagem histórica**. Departamento de Expressão Gráfica - Curitiba, Paraná – Brasil, 2007. UFPR.

Disponível

em:<http://www.degraf.ufpr.br/artigos_graphica/IMAGEM%20UMA%20ABORDAGEM%20HISTORICA.pdf>. Acesso em : 29 jun. 2012.

SIMEÃO, Elmira; RODRIGUES, Ricardo Crisafulli. **Tematização da imagem e criação de discursos**: estudo sobre aspectos gerais de análise da imagem como fonte de informação. Brasília: UnB, 2007. 4 p. Texto preliminar preparado para submissão VIII ENANCIB.

SIMIONATO, A C. Descrições de imagens digitais. **Revista Novas Tecnologias em informação (ReNTI)**, v. 01, p. 12-20, 2010.

SMIT, Johanna W. A representação da imagem. **Informare**- Cad. Prog. Pós-Grado Ciornf., Rio de Janeiro, v.2, n. 2, p. 28-36,jul./dez. 1996. Disponível em: <<http://ibict.phlnet.com.br/anexos/smitv2n2.pdf>>. Acesso em 28 jun. 2012.

SPINELLI JÚNIOR, Jayme. **A conservação de acervos bibliográficos & documentais**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional. Dep. de Processos Técnicos, 1997. (Documentos técnicos). Disponível em: <www.bn.br/portal/arquivos/pdf/manualjame.pdf>. Acessado em: 29 out. 2012.

TURAZZI, Maria Inez. Máquina viajante. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. ano 5, n.52, Rio de Janeiro, 2010, p. 18-25.

WELLER, Wivian and BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. **Imagens**: documentos de visões de mundo. *Sociologias* [online]. 2011, vol.13, n.28, pp. 284-314.

ZUANETTI, R. et. al. **Fotógrafo**: O Olhar, a técnica e o trabalho. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2004, p.192.

GLOSSÁRIO

Densidade - 1. Quantidade de prata presente em varias áreas de filme ou papel após a exposição e o processamento. O grau de escurecimento em uma copia fotográfica e a capacidade de impedir a passagem da luz em um negativo ou transparência 2. É o grau de enegrecimento do negativo (ou da cópia), que determina a quantidade de luz que pode atravessá-lo (ou refletir dele). Um negativo superexposto é mais denso que um normal ou subexposto.

Denso - Descreve um negativo ou área de um negativo onde grande quantidade de prata foi depositada. Um negativo denso transmite relativamente pouca luz. O oposto de rarefeito/tênue.

Emulsão - Camada fina de material sensível à luz (geralmente constituído de sais de prata cristalizados, suspensos em gelatina) na qual se forma a imagem, nos filmes e papéis fotográficos.

Haleto de prata - Componente sensível à luz presente nas emulsões fotográficas, compreendendo o cloreto, o brometo e o iodeto de prata.

Item – um documento ou grupo de documentos sob qualquer forma física, editada, distribuída ou tratada como entidade autônoma, constituindo a base de uma única descrição bibliográfica.

Negativo - Filme processado que apresenta uma imagem negativa da imagem do original. As partes claras do original aparecem escuras no negativo, e as partes escuras aparecem claras. Os negativos são usados para fazer cópias e ampliações.

Papel salgado - Papel impregnado de cloreto de sódio e sensibilizado com uma solução de nitrato de prata.

Poligrafia - Sistema alternativo de impressão.

Ponto de acesso – Um nome, um termo, palavra chave, frase ou código que pode ser usado para pesquisar, identificar e localizar um registro bibliográfico, arquivista ou de autoridade.

Positivo - Imagem com cores ou tons claros e escuros similares as da cena original.

Recurso - Entidade, tangível ou intangível, com conteúdo intelectual ou artístico, concebida, produzida e / ou emitida como uma unidade, formando a base de uma única descrição bibliográfica. Os recursos incluem: texto, música, imagens fixas e móveis, grafismos, mapas, registros sonoros e vídeo, dados ou programas eletrônicos, incluindo aqueles que são emitidos como seriados.

Sensibilidade - É a propriedade da emulsão fotográfica em gravar a imagem em maior ou menor tempo de exposição. É representada por números (como 25, 64, 100, 125, 200, 400 etc). Esse número, indicativo da sensibilidade do filme fotográfico, segundo padrões ISO (International Standards Organization), é utilizado no ajuste dos exposímetros (fotômetros). Quanto maior esse número, maior será a sensibilidade do filme.

APÊNDICE

APÊNDICE A- FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DE DOCUMENTOS FOTOGRÁFICOS

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DE DOCUMENTOS FOTOGRÁFICOS ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR MOACIR MONCLAR BRANDÃO	
Autor:	
Título:	Registro N°
Local da foto:	
Data da foto:	
Estado de conservação	
Perfeita <input type="checkbox"/>	Escrita <input type="checkbox"/>
Rasgada <input type="checkbox"/>	Manchada <input type="checkbox"/>
Colada <input type="checkbox"/>	Com fungo <input type="checkbox"/>
	Amarelada <input type="checkbox"/>
Legibilidade	
Ótima <input type="checkbox"/>	Regular <input type="checkbox"/>
Boa <input type="checkbox"/>	Ruim <input type="checkbox"/>
Descrição física	
Largura:	Colorida <input type="checkbox"/>
Altura:	Preto e branca <input type="checkbox"/>
Localização do item na coleção:	
Classificação:	
Procedência:	
Descritores:	
Observações:	

ANEXOS


ANEXO A - CEDOC- Centro de Documentação das Organizações Jaime Câmara (GO)

Manutenção do Cadastro de Imagens no CEDOC - OJC

Catalogador	ANA MÁRCIA SANTANA LIMA
Identificação	\$26H2012.006
Localização	V IMG442\
Identificador Longo	idades\ORIGEM_
Data de Criação	22/06/2012
Pessoa ou Objeto	HOSPITAL DE URGÊNCIAS DE APARECIDA DE GOIÂNIA
Evento/Assunto	HOSPITAL
Fonte/Fotógrafo	WILDES BARBOSA
Local da foto	GOIÂNIA
Edição	GERAL


Comentário

HUAPA. LIMPEZA VOLTA A FUNCIONAR. PARALISAÇÃO DE FUNCIONÁRIOS DE EMPRESA TERCEIRIZADA TERMINOU ONTEM. NO FIM DA TARDE. NA IMAGEM, FUNCIONÁRIOS DA CORAL VOLTARAM AO TRABALHO APÓS PROMESSA DE LIBERAÇÃO DE SALÁRIOS. HOSPITAL DE URGÊNCIAS DE APARECIDA DE GOIÂNIA. [23/06/2012].



ANEXO B - Museu do som e da imagem (MIS-GO)

Código	MIS02741-018	Contagem	180 de 323
Data	193-?	Ir para	
Município	Goiânia (GO)		
Coleção	Coleção José Mendonça		
Procedência	pessoa física		
Aquisição	doação		
Tipo de registro	foto	p&b	
	D. genérica	Cromia	Formato Técnica
Localização	A2Cf58	A2Cn5Pn131	
	Registro	Negativo	P. contato



Solenidade de instalação do municíp

Berto, Silvio

12,0 X 17,5 cm

Série

Descritores

Espacialidade	vista interior	Transportes
Infra-estr. rural		Infra-estr. urbana
Comunicação visual		Obras de arte
Calamidades públicas		Documentos

Descritores agrupado

Urbanização	Uso das edificações	Eventos
		solenidade
Mobiliário urbano	Tipos humanos	Elementos da natureza
	Venerando de Freitas	

Conservação/Reprodução

Reprodução feita a partir do registro original por Herculano Ramos, r1MIS02741-018, A5Cf22.

Anotações

Este registro integra o álbum Fotos Históricas de Goiânia, MIS02741-001.
Legenda que acompanhava a foto: "Instalação do município de Goiânia".

Referências**Bibliografia****Histórico**

A coleção, doada por José M. Teles em março de 2001, reúne fotografias, documentos audiovisuais e textuais. Constam da coleção: a) documentos do fotógrafo pioneiro Silvio Berto, doados ao escritor em 1991 pelo


Compilador SP, 06/12/2005

[Primeiro](#)[Anterior](#)[Próximo](#)[Último](#)[Novo](#)[Sair](#)

ANEXO C - Fundação João Pinheiro Minas Gerais- (MG)

130 - Materiais Iconográficos

Modelo de ficha da Fundação João Pinheiro

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DE DOCUMENTO FOTOGRÁFICO	
Autor (Fotógrafo) —	CÓDIGO LOCAL 39.009
Título —	
Local da foto <u>São Lourenço (MG)</u>	
Data da foto <u>1925</u>	CÓDIGO NACIONAL
Tipo de material <input checked="" type="checkbox"/> Foto <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Audiovisual <input type="checkbox"/> Contato	Filme 24 Neg. 26-27-28
Negativo <input type="checkbox"/> em vidro <u>x</u> <input type="checkbox"/> em celuloide <u>x</u> <input type="checkbox"/> outros <u>x</u>	
Descrição física: Largura <u>14</u> Altura <u>9</u>	
<input type="checkbox"/> Colorido <input checked="" type="checkbox"/> Preto e Branco	
conservações: <input type="checkbox"/> Rasgado <input type="checkbox"/> Manchado <input type="checkbox"/> Com fungo	Cópia Contato 
<input type="checkbox"/> Perfeito <input type="checkbox"/> Escrito	
legibilidade <input type="checkbox"/> Péssimo <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Ótimo	
Outras notas: <u>Foto colada sobre cartolina, com descrição à lápis, Amassada e dobrada.</u>	
PROJETO MEMÓRIA HISTÓRICO - FOTOGRÁFICA DO SUL DE MINAS - 1870 / 1930	

VERSO

Resumo (descrição e histórico da foto) <u>Inauguração de nova estação ferroviária, de São Lourenço (MG), vendo-se a banda de Joaquim Santiago e Grupo de pessoas.</u>
Descritores <u>São Lourenço (MG)/1925/Fagundes, Synesio (acervo)/ Estação Ferroviária (Inauguração) / Banda de música/Grupo de pessoas/Santiago, Joaquim (músico) /Músico/ Solenidade Pública/ Mulher/ Homem/ Criança.</u>
Procedência do original: <u>Acervo Synesio Fagundes - São Lourenço/MG</u>
data de entrada: <u>16.11.83</u>
modo de aquisição <input type="checkbox"/> compra <input checked="" type="checkbox"/> Empréstimo <input type="checkbox"/> Doação <input type="checkbox"/> Cedência
Obs.

ANEXO D - Arquivo público do estado de Santa Catarina (SC)

CLEUZA REGINA COSTA MARTINS

MANUAL DE PROCEDIMENTOS PARA A ORGANIZAÇÃO DE ACERVOS FOTOGRAFICOS

ANEXOS

SECRETARIA DE ESTADO DA ADMINISTRAÇÃO
ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA

IDENTIFICAÇÃO DE DOCUMENTO FOTOGRÁFICO

AUTOR/FOTÓGRAFO:		REGISTRO N°	
TÍTULO:			
LOCAL DA FOTO:		DATA:	
FOTO <input type="checkbox"/>	SLIDE <input type="checkbox"/>	AUDIOVISUAL <input type="checkbox"/>	CONTATO <input type="checkbox"/>
NEGATIVO/VIDRO <input type="checkbox"/>	CELULOSE <input type="checkbox"/>	OUTROS <input type="checkbox"/>	
DESCRIÇÃO FÍSICA	LARGURA:	ALTURA:	COLORIDO <input type="checkbox"/> PRETO/BRANCO <input type="checkbox"/>
CONSERVAÇÃO	PERFEITA <input type="checkbox"/>	ESCRITO <input type="checkbox"/>	COLADA <input type="checkbox"/>
	RASGADO <input type="checkbox"/>	MANCHADO <input type="checkbox"/>	COM FUNGO <input type="checkbox"/> AMARELADA <input type="checkbox"/>
LEGIBILIDADE	PÉSSIMA <input type="checkbox"/>	REGULAR <input type="checkbox"/>	BOM <input type="checkbox"/> ÓTIMA <input type="checkbox"/>
OUTRAS NOTAS: O registro n° contém fotos			
NOME DA INSTITUIÇÃO: Arquivo Público do Estado de Santa Catarina			
RESUMO (DESCRIÇÃO E HISTÓRICO DA FOTO)			
.....			
.....			
DESCRITORES			
.....			
.....			
PROCEDÊNCIA DO ORIGINAL:		DATA:	
MODO DE AQUISIÇÃO	COMPRA <input type="checkbox"/>	EMPRÉSTIMO <input type="checkbox"/>	DOAÇÃO <input type="checkbox"/>
OBSERVAÇÃO:			
.....			
.....			
.....			

ANEXO E - PROFOTO (Projeto de Preservação do Acervo Fotográfico da Biblioteca Nacional-RJ)

MANUAL DE PROCEDIMENTOS PARA A ORGANIZAÇÃO DE ACERVOS FOTOGRAFICOS

CLEUZA REGINA COSTA MARTINS

**Fundação BIBLIOTECA NACIONAL
MINISTÉRIO DA CULTURA**

PROFOTO - Projeto de Preservação e Conservação do Acervo
Fotográfico da Biblioteca Nacional

ÁREA DE TRATAMENTO TÉCNICO
FORMULÁRIO PARA CATALOGAÇÃO

INFORMAÇÕES DE CONTROLE

NIVEL BIBLIOGRÁFICO	STATUS DO REGISTRO	Nº DE CONTROLE 021	
LOCALIZAÇÃO DO ITEM NO ACERVO FOTOS - ARM 13 3 (1 - 30)		REGISTRO PATRIMONIAL 821 951/80 - 1992 - AA	
DATA 05/05/92	DATA 05/05/92	DATA 20/07/92	DATA 1990
CATALOGADOR Edenir	CLASSIFICADOR Graziella	REVISOR Francisca - Mônica	PESQUISADOR André

ENTRADA PRINCIPAL

AUTOR PESSOAL Pacheco, Joaquim Insley. m. 1912.
AUTOR CORPORATIVO
EVENTO
TÍTULO UNIFORME

ÁREA DO TÍTULO, LOCAL E DATA DA IMAGEM

TÍTULO PRINCIPAL
TÍTULO ATRIBUÍDO Quinta da Boa Vista, São Cristóvão e arredores
LOCAL E DATA DE IMAGEM Rio de Janeiro, RJ, entre 1878 e 1889.
TÍTULOS EQUIVALENTES
OUTRAS INFORMAÇÕES SOBRE O TÍTULO
OUTRAS INFORMAÇÕES SOBRE DOCUMENTOS FOTOGRAFICOS QUE REGISTRAM OBRAS DE ARTE

ÁREA DE INDICAÇÃO DE RESPONSABILIDADE

AUTOR ORIGINAL FOTOGRAFICO Insley Pacheco
ACRÉSCIMOS DE NOME Photographico da Casa Imperial
ENTIDADE (ESTÚDIO) ORIGINAL FOTOGRAFICO
AUTOR REPRODUÇÃO FOTOGRAFICA OBRA DE ARTE
AUTOR ORIGINAL FOTOGRAFICO (REPRODUÇÃO)
AUTOR REPRODUÇÃO FOTOGRAFICA
AUTOR (DIAPOSITIVO ORIGINAL)
AUTOR (DUPLICAÇÃO)
AUTOR (NEGATIVO ORIGINAL)
AUTOR (CÓPIA DO NEGATIVO ORIGINAL)

ÁREA DA DATA DE REPRODUÇÃO, PUBLICAÇÃO E/OU DISTRIBUIÇÃO DO ITEM

DATA DE REPRODUÇÃO	(ILEGÍVEL)
LOCAL	(ILEGÍVEL)
NOME	(ILEGÍVEL)

Subárea de Impressão

LOCAL DE IMPRESSÃO	
NOME DO IMPRESSOR	DATA DE IMPRESSÃO

ÁREA DA DESCRIÇÃO FÍSICA

DESCRIÇÃO FÍSICA
30 fotos: colódio, p&b; 12x21cm a 20x14cm

ÁREA DA SÉRIE

TÍTULO DA SÉRIE
OUTRAS INFORMAÇÕES SOBRE O TÍTULO
NÚMERO DENTRO DA SÉRIE
TÍTULO DA SUBSÉRIE
NUMERAÇÃO DENTRO DA SUBSÉRIE

ÁREA DAS NOTAS

NEGATIVOS E REPRODUÇÕES/OUTROS ITENS ORIGINAIS/FONTES/TÍTULOS/PRINCIPAL/TÍTULO INCORRETO/ OUTRAS INFORMAÇÕES/FONTES, LOCAL E DATA DA IMAGEM
Negativo de segunda geração n. 01412-27; 01438-46; 01452;01460-3

ÁREA DE NOTAS (CONTINUAÇÃO) - INDICAÇÕES DE RESPONSABILIDADE

ESTUDIO/CONJUNTOS DE IMAGENS/ATRIBUIÇÕES E CONJECTURAS/OUTROS/DUPLICAÇÃO DE DIAPOSITIVOS

DESCRIÇÃO FÍSICA

DIMENSÕES SUPORTE PRIMÁRIO E SECUNDÁRIO
Cartão-suporte: 24x31cm a 32x24cm
ESTADO DE CONSERVAÇÃO
Regular
MARCAS E ANOTAÇÕES
Carimbo no verso do cartão-suporte (ilegível)
NÚMERO DE NEGATIVO, CÂMERA E FILME
CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS ADICIONAIS
OUTROS

